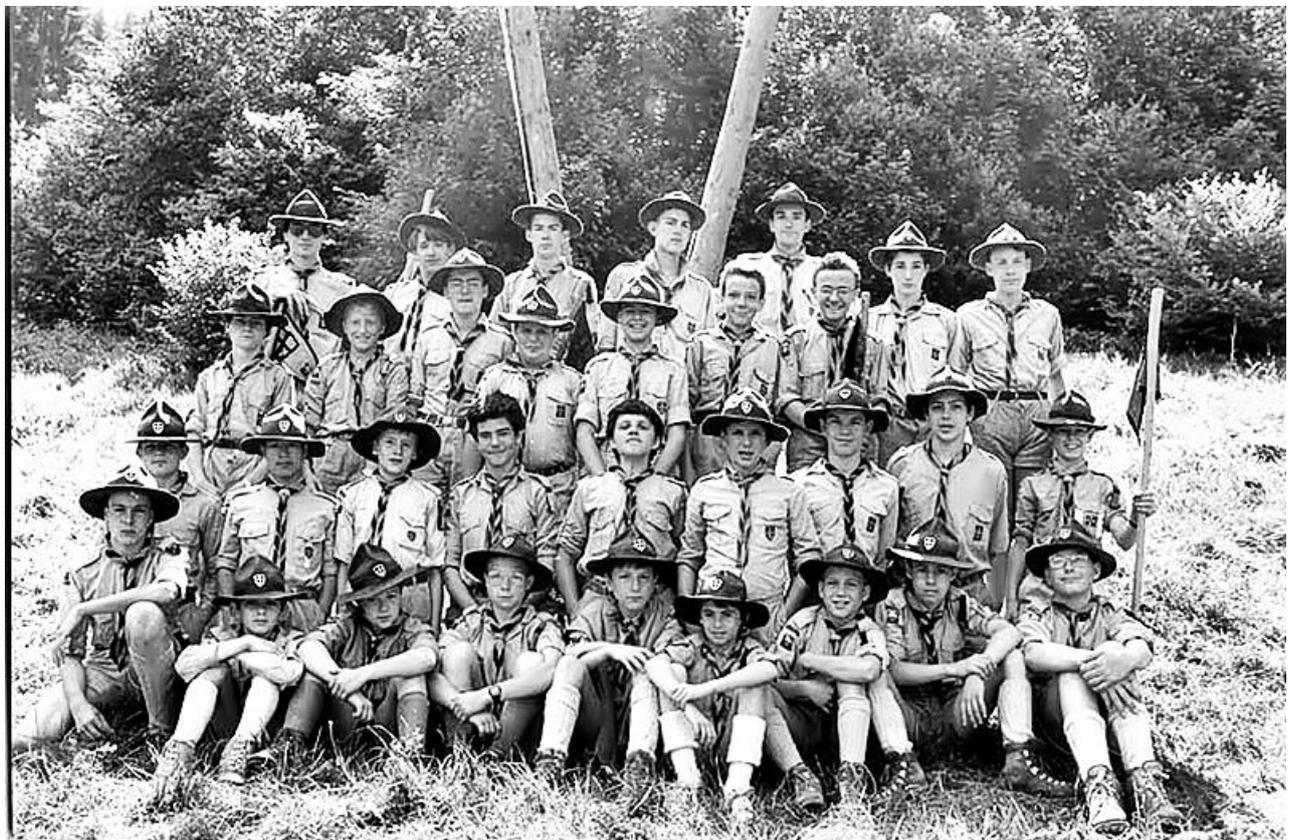


A lenda do tesouro perdido no Deserto de Negev.



Chefe Osvaldo Ferraz.



Dedico este livro a minha esposa por me incentivar e me apoiar em tudo que faço no escotismo. Hoje mesmo disse a ela que não sou ninguém sem tê-la ao meu lado.

(Esta é uma história de ficção. Muitos fatos históricos, locais e pessoas podem diferir do que contam os historiadores. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência).



Histórico:

(Conta uma lenda que ao aportar nas costas da Bahia em 1650, um Pirata Inglês de nome Edward Teach mais conhecido como Barba Negra recolheu um valioso tesouro que trouxe de sua terra. Rumou terra adentro a procura de uma cidade chamada Jerusalém. Conta a mesma lenda que toda sua população por temer seu poder de fogo e morte abandonou a cidade fugindo sertão adentro. Dizem que parte do tesouro que levava foi enterrada por seus oficiais de maior confiança em local incerto e não sabido. Uns disseram que o local seria o Deserto de Negev, outros que seria o Vale do Rio Jordão. A lenda conta que perseguidos foram mortos por escravos semitas da região, mas o tesouro já havia sido escondido e enterrado. Assim os que poderiam contar levaram para o túmulo o mapa de um tesouro que até onde muitos ainda sonham em encontrar).



Epílogo.

Em meados de março de 1893, muito antes de Antonio Conselheiro liderar uma guerra messiânica no arraial de Canudos no sertão da Bahia, Nabucodonosor de Alencar e sua esposa Rebeca de Alencar fugiram da fazenda do Coronel Gedeão com destino incerto e não sabido. Eles já tinham ouvido falar em Antonio Conselheiro e tentaram descobrir seu paradeiro e se juntar a ele. Sendo ambos negros e escravos não era fácil transitar por estradas e trilhas onde os tropeiros e caminheiros faziam seu caminho na lide diária. Cento e noventa dias se escondendo e andando a noite, eles avistaram uma tarde um rio que brotava de uma enorme montanha. Uma voz simples, calma e doce dizia para eles percorrerem suas margens até encontrarem um vale onde deveriam erguer uma cidade o qual seria sua nova morada. A voz dizia que ali nasceria a terra prometida sobre as bênçãos de Deus. Nabucodonosor nunca soube o porquê sua mãe o batizou com este nome, pois não sabia ler nem escrever. Apaixonou-se por Rebeca por ela ter um nome diferente das demais escravas e possuir uma beleza única, os olhos negros mais brilhantes que ele já tinha visto.

Por onde passava na busca de sua terra prometida ele ia batizando os rios e montes que encontrava. Foi assim que surgiu a cidade de Jericó, cujo rio que banhava a vila ele chamou de Rio Jordão. A montanha ficou conhecida como Monte Sinai. Havia ainda as planícies de Moab, o Vale da Judeia e durante toda sua vida os nomes sem ele saber surgiram como se o Novo e o Velho Testamento o orientassem para que ali todos fossem felizes. Nabucodonosor teve com Rebeca trinta e cinco filhos. Todos se casaram com os fugitivos escravos que chegavam pensando terem encontrado a Nova Jerusalém. Os filhos que nasciam eram batizados com nomes bíblicos. Dizem

que se alguém visitar pela primeira vez Jericó a cidade de Deus, na entrada aparece uma nuvem branca e nela está escrito o nome de quem chega acompanhado da frase – “Seja bem vindo a nossa morada, que Deus esteja convosco”! Comenta-se quem lá esteve que a sua pequena população é constituída de dez mil habitantes felizes e que nunca deixaram para trás os amigos e filhos que lá nasceram e cresceram.

Jericó sempre foi uma cidade pacífica, dizem que lá não existe e nunca existiram crimes, onde reina a paz e a concórdia. Ali seus habitantes são como irmãos. Eles se ajudam, se fortalecem como se fossem uma grande família. E foi assim nesta terra prometida que na década de cinquenta surgiu o Grupo Escoteiro Mar da Galileia. A história de como foi, seus primeiros chefes e diretores serão narrados na sequencia desta história. Fique a vontade nesta noite estrelada para ouvir mais uma bela lenda escoteira sente-se em volta do fogo, coloque sua manta, olhe para o céu cheio de estrelas e se prepare. Uma voz amiga e simpática virá do céu e fará você viajar nesta linda saga que irá marcar a todos para sempre. Tenho certeza que irá adorar esta cidade, seus habitantes e seu Grupo Escoteiro. Um grupo que muitos sonham em participar e claro amar a todos como a si mesmo.



Capítulo I - Uma Corte de Honra.

Não era grande, quem sabe pequena, mas era linda. Devia ter uns quatro metros por seis. Para uma sala de Corte de Honra até que era grande demais. Exceto os monitores e os chefes ninguém mais tinha permissão para entrar a não ser se convidado. Nos quatro livros de Atas preenchidos deste a fundação, quem tivesse a oportunidade de ler, ia ver que não houve convites para terceiros. Os subs quando necessário a presença a Corte se Reunia na

sala da chefia. Contam uma história que a primeira patrulha do Grupo Escoteiro Mar da Galileia construiu a sala com os braços dos seus primeiros monitores. Nenhum adulto pôde colocar a mão. Diz à lenda que eles mesmos construíram a mesa, as cadeiras, o armário e fizeram questão de pintar por dentro e por fora com uma linda cor verde garrafa, cor que se mantém até hoje. Nota-se que a cor não desbota e o que eles os monitores que a pintam uma vez por ano usam na tinta um preparado especial. Aprenderam com os Hebreus do Vale da Judéia. Boato, mitos ou fábulas faziam parte da lenda e por isto era motivo não só de curiosidade como também o sonho de entrar lá!

Todos sabiam que era impossível. Havia todo um ritual quando um novo Monitor assumia e até esta mística ninguém sabia como era. A boca pequena comentava-se que ele tinha de ficar de joelhos em cima de milho e feijões por uma hora. Depois o Monitor mais antigo o investia como Monitor tomava-lhe a promessa e ele tinha de prometer fidelidade e manter tudo que ali discutiam no mais completo sigilo na vida e na morte. Outros diziam que havia uma espada, uma bandeira da Corte de Honra e até um cálice onde se brindava com vinho a chegada do novo Monitor. A lenda conta que o Chefe da Tropa sempre entrava primeiro com sua manta e escorado em um Cajado de pedras preciosas. O que bebiam? Ninguém sabia. Verdade ou não por mais amizade que um Escoteiro tivesse com um dos monitores não conseguia arrancar uma sílaba de como era por dentro, o que faziam lá, quem era o Presidente e o escriba. Como criaram toda esta lenda, tudo que existia somente um nome sempre vinha à tona. Judá, o primeiro Monitor. Claro que todos sabiam que só um não podia ser o responsável por tudo, mas a boca pequena tudo que diziam não era nada com o nada. Até hoje todos sabiam que Judá se tornou uma lenda na tropa e quando se pensava nele imaginava-se um jovem forte, alto, sorridente com uma aureola na cabeça. Isto demonstraria que ao passar para o outro lado se tornou um santo Escoteiro.

Todo terceiro sábado de cada mês ela a Corte de Honra se reunia. Ninguém da tropa ia para casa sem ver a entrada dos monitores e sua pompa. Era só o que podiam ver. Hoje havia muitas flores em volta das paredes externas da sala da Corte de Honra. Diziam que cada Monitor escolhia uma flor plantava e ficava responsável até passar para o próximo quando se aproximava sua época da Rota Sênior. A pequena sede da Corte de Honra de longe era linda. A cor verde garrafa, as telhas pintadas de marrom e as flores em volta davam a ela um aspecto juvenil, alegre e parecia que lá dentro se encontraria a felicidade. Ao término do Cerimonial de bandeira as patrulhas ainda ficavam reunidas por quinze minutos. O Monitor passava o comando ao sub dentro dos padrões existentes e se despedia dos patrulheiros com um Sempre Alerta firme e partia rumo à sala da Corte de Honra. A patrulha estática parava o que estavam fazendo. De pé no canto de patrulha observavam os passos de seu Monitor. Ele parava a uma distância de trinta jardas (mais ou menos 27 metros) e ficava em posição de descansar esperando a chamada. Não se ouvia nenhuma voz, mas uma luz brilhante aparecia e ele entrava. A porta se fechava.

Não havia disse me disse, o que se falava lá ficava a não ser quando decidiam as atividades e decisões que afetavam o programa ou a honra da tropa, entrega de condecorações, distintivos, cordões de eficiência e ortoga do Distintivo “Lis de Ouro”. Costumes ficam quando vem de tradições e nisto a Tropa Rio Jordão fazia questão de manter. Trinta e cinco anos de existência e tudo funcionavam a contento. Todos no grupo faziam questão de se considerarem democratas. A Corte de Honra nunca abusou de sua posição e ninguém seria julgado sem direito de defesa ou mesmo sem a presença dos pais. Nos fogos de Conselho sempre ao terminar um Monitor se aproximava da fogueira, levantava seu braço direito, saudava com um grito de guerra a Tropa Rio Jordão e repetia para todos os presentes às tradições que nunca foram colocadas em duvida e passadas de gerações em gerações.

- Todos estavam em pé, cada um em seu lugar previamente marcado e que nunca era alterado. O Chefe João Batista foi o primeiro a entrar. Na porta Abraão o Monitor esperava o convite. A luz azul acendeu e ele entrou. Logo a seguir vieram por ordem de monitoria: - Tiago, Monitor da Patrulha Camelo, Uziel da Patrulha Gralha e Batuel da Patrulha Corvo. Abraão o Monitor da patrulha Garça Real e presidente da Corte de Honra tomou a palavra – Todos deram as mãos e fizeram um silêncio de um minuto. Era dedicado a todos os monitores que um dia participaram da Tropa Escoteira Rio Jordão. Logo em seguida se viraram para o pavilhão Nacional, composto por uma Bandeira do Brasil regamente colocada em um bastão com tripé no canto da sala – A bandeira em saudação! Firme e descansar. O próprio Abraão fez a oração de abertura – Senhor meu grande Monitor, dá-me a bravura dos Bandeirantes, a Coragem dos Guerreiros. Dai-me Senhor a humildade dos monges, a lealdade dos cavaleiros, a honradez dos justos, a força dos animais, a limpidez das águas e um coração que saiba ouvir, entender, e amar aqueles que me cercam. Assim seja!

A sala da Corte de Honra não diferia de tantas outras. O Pavilhão Nacional, um pequeno armário de parede, uma foto de Baden Powell e outra de Jesus, uma banquetta que servia para manter a bilha de água, copos de papel, uma mesa com seis cadeiras. Na mesa forrada com uma costura de arremate simples de cipós entrelaçados e devidamente lixados, dois livros, Escotismo para Rapazes e uma Bíblia. Abraão o Monitor convidou a Tiago Monitor da Patrulha Camelo e investido com o Escriba a ler a ata anterior. Feita a leitura foi assinada sem discussões pelos presentes. Um tema era esperado por todos. Afinal todos os anos a tropa fazia um grande acampamento e o último durou dez dias. Este ano não seria diferente. A cada ano mais e mais o acampamento se transformava. Grandes Jogos, grandes excursões, jornadas épicas foram feitas com sucesso absoluto na Tropa Rio Jordão.

Tiago Monitor da Patrulha Camelo pediu a palavra. – Senhores membros da Corte de Honra, acredito que o que se passa com Estefano não é preciso repetir. Já é do conhecimento de todos os Escoteiros da tropa. Considerando hoje são quatro reuniões sem aparecer. Liguei para sua casa e

fui até lá. Não adiantou. Ele nem mesmo quer falar comigo e fica em silêncio com a minha presença. Sabemos que a saída de um Escoteiro do Grupo mancha nossa tradição e houve épocas de se passarem anos sem uma única saída. Insisti várias vezes e vi que sua motivação acabou. Entrou para um time de futebol que sempre tem jogos aos sábados e domingos. Não acredito que ele vai voltar. O Chefe João Batista olhou a todos esperando que outros monitores se manifestassem. Tiveram o mesmo tema no ano passado quando Malquiel da Patrulha Corvo fez o mesmo. Tentativas e nada. Em um domingo ele foi pessoalmente conversar com os pais. Malquiel também estava desanimado. O Chefe João Batista conversou com ele por horas. Conversou não praticamente só ouviu. O que ele pediu foi discutido na Corte de Honra e aprovado por todos, com ressalva por Batuel Monitor da Patrulha Corvo.

- Já que não temos mais temas a não ser o do Estefano, eu irei a sua casa no próximo domingo e vamos ver se podemos tê-lo de volta. Como no passado não iremos forçar. Quem sabe erramos e se isto aconteceu vamos acertar. – Mais algum assunto? – Chefe, falou Uziel da Patrulha Gralha. – Como vai ser nosso acampamento de férias? Todos prestaram a máxima atenção ao Chefe. – O Chefe João Batista olhou nos olhos de todos os presentes. - Temos ainda nove meses pela frente. Eu iria sugerir um grande bivaque de doze dias, onde poderemos percorrer mais de oitenta quilômetros, passando pelo Monte Sinai, depois o Vale do Rio Eufrates, enfrentar o vale de Canaã e subir até a Represa do Lago Hule. Neste último ficaremos por quatro dias pra fazermos grandes jogos e grandes atividades Escoteiras. – Todos olharam para o Chefe João Batista assustados. – Chefe não é perigoso o Vale de Canaã? – Claro que sim disse o Chefe João Batista. Mas iremos prevenidos. Primeiro ter certeza que não haverá chuvas na cabeceira do Rio Nilo e acredito que com mais ou menos seis horas chegaremos a Montanha do Monte Tabor e lá estaremos a salvo.

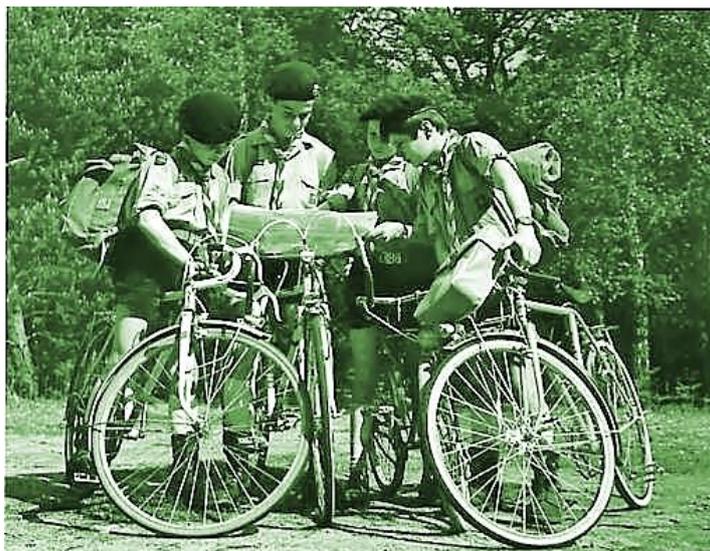
Havia uma história misteriosa a respeito do Vale de Canaã. Era um vale estreito, mais de quinze quilômetros de extensão e muitas vezes sem ninguém esperar, uma queda d'água aparecia levando tudo de roldão a sua frente. Poderia passar anos e anos sem acontecer nada, mas ninguém poderia dizer quando ia acontecer. Por outro lado era o vale mais lindo de todos os demais em volta de Jericó. Quem passou por lá e pela mão do destino voltou, contavam as incríveis criaturas que lá habitavam. Foi Éfeso quem um dia descreveu ao Chefe João Batista o que viu. Com seus olhos grandes negros, parecia voltar novamente no tempo e descreveu as maravilhas dos pássaros gigantes. Enormes Águias de todas as cores, Canários coloridos, Gaviões enormes que passeavam no céu sem atacar ninguém. Não viu nenhum animal e somente aves. Quem sabe por que todos sabiam que quando uma queda d'água se aproximava não dava tempo para ninguém fugir. Em ambos os lados do vale surgiam enormes escarpas difícil de escalar.

Há quem também contou uma visão incrível que nas noites sem lua aconteciam no Vale de Canaã. Alguns juraram ter visto um negro enorme com

um sorriso contagiante e mesmo sem conhecer eles sabiam que devia ser Nabucodonosor o fundador da cidade. Outros também disseram que Rebeca estava sempre com ele. Mas uma figura fantasmagórica assustava a todos. Era o Pirata Inglês de nome Edward Teach. Sempre a brandir impropérios, dizendo que seu ouro era seu e de mais ninguém. Carregava uma enorme espada e dois enormes mosquetes presos por um cabo ao ombro. Dizem que sua gargalhada ressoava por todo o vale e assustava até o mais simples mortal. Tudo isto foi discutido na Corte de Honra e mesmo assim apesar de assustar os monitores eles votaram pela jornada. Ali se sabia que o medo não era próprio de Escoteiros.

A reunião da Corte de Honra nunca ultrapassava hora e meia. Estava na hora de terminar. Chefe João Batista pediu a todos os presentes que discutissem com as patrulhas e que cada Escoteiro desse sua sugestão. Eles deveriam conversar com seus pais. Ele sabia que na época oportuna faria uma reunião de pais para maiores detalhes, mas ainda faltavam nove meses para que a grande jornada acontecesse. Sabia que o tempo passa rápido e que neste período de espera muitos sonhos iriam acontecer. Terminou deixando na mente de cada um dos monitores algum que ele nunca tinha dito: Vocês já devem ter ouvido a história da Lenda do Tesouro Perdido do Deserto de Negev. Muitos acham que é realmente uma lenda e um tesouro que nunca existiu. A lenda conta que o Capitão Inglês chegou às margens do Rio Jordão quando avistou o Vale de Canaã. Abriu uma enorme caverna e ali junto aos seus comandados deixou o tesouro. Mais de cem homens a serviço do capitão morreram enterrados. Outros acreditavam que o tesouro poderia estar enterrado no Deserto de Negev ou no Vale do Rio Jordão. - Nós vamos percorrer o deserto e o vale, disse. Porque não tentar achar o tesouro? – Chefe João Batista riu e todos riram com ele. Mas suas palavras marcaram. Ele o Chefe sabia que era uma pitada de uma grande aventura. Que cada um criasse a sua. Ele mesmo nunca acreditou no tesouro, mas porque não acreditar?

Abraão o Monitor e Presidente da Corte de Honra tomou a palavra. Vamos encerrar pedindo a Tiago Monitor da Patrulha Camelo e investido com o Escriba que lesse a ata. Ela só seria assinada na próxima reunião da Corte de Honra. Nada mais havendo ele agradeceu a Deus pela oportunidade, deu a volta à mesa apertando a mão esquerda de cada um. Abraão o Monitor e presidente da Corte de Honra de comum acordo com os demais encerrou mais esta reunião. Batuel fez às vezes de intendente e serviu um café quente na garrafa do Grupo que ele mesmo fez em sua casa. Tirou do armário uma pequena lata onde biscoitos doces e salgados eram armazenados. Todos se serviram e uns olhando para os outros sua mente só pensavam no tesouro. Tesouro? Seria a palavra usada nos próximos nove meses que antecederiam os doze dias de uma atividade aventureira que eles já estavam pensando que seria a mais linda de suas vidas.



Capítulo II - A saga do Grupo Escoteiro Mar da Galileia.

Corria o ano de 1950, ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. A cidade de Jericó dormitava naquela tarde ensolarada de setembro e as ruas praticamente desertas. Ninguém sabe de onde surgiram quatro jovens rapazes de bicicleta, todas elas com enormes mochilas no bagageiro, algumas com bandeiras firmes no guidom e cantando uma música esquisita pararam na Praça Monte Carmelo. Encostaram suas bicicletas, e entraram na Cantina do Esdras onde pediram um lanche. – Qualquer um disse o monitor deles. Sentaram a mesa na soleira da porta e em questão de minutos a praça estava cheia. Meninos, meninas, moças e rapazes, adultos de todas as idades estavam ali parados olhando apalermados para os estranhos visitantes que nunca viram. – Quem seriam eles? De onde vinham? Eram meninos e não tinha nenhum adulto. Cada um fazia a si e ao companheiro do lado estas perguntas. Estavam todos de calça curta caqui, camisa da mesma cor, um lenço azul e branco no pescoço preso por um arganel marrom. Na cabeça um enorme chapéu também marrom. Todos alegres e sorridentes.

Um deles se dirigiu a Dona Salomé que passava por ali na hora. Parou a sua frente, tirou o chapéu e fazendo uma medida, bateu uma bota na outra e educadamente perguntou: Senhora, onde estamos? Dona Salomé riu, pois além de diretora do Grupo Escolar Estrela de David tinha uma enorme experiência com jovens de qualquer idade. – Meu filho, ela disse – Você está na cidade de Jericó, cidade de quinze mil habitantes, fundada pelo Escravo Nabucodonosor, no ano da graça de 1893. Sejam bem vindos a nossa cidade. Mas diga-me quem são vocês? – Henoque riu. Ele era o Monitor da Patrulha Coruja do Deserto. Tinha catorze anos e meio. – Respondeu a ela sorrindo. – Senhora, estamos brincando de aventuras o que fazemos sempre. Resolvemos

pegar um atalho pelo rio Eufrates e sem perceber chegamos a esta bela cidade. Resolvemos pernoitar aqui e se tudo desse certo partiremos bem cedinho para Nazaré e de lá até Damasco onde residimos. Menos de quatro dias de viagem.

- Olhe Senhora, continuou Henoque, nós somos Escoteiros. Somos seguidores do General Baden Powell, um Lord inglês que criou o escotismo em 1908. Ele tinha muita história para contar das suas aventuras nas selvas da África onde serviu por muitos anos. Foi herói da Guerra dos Bôeres e condecorado em Mafeking onde com menos de 800 soldados defendeu uma cidade aberta de mais de 10.000 inimigos. No seu retorno a Londres resolveu escrever alguns fascículos sobre o tema que tão bem conhecia: - Como ser um aventureiro que depois passou a se chamar escoteiros. Sem nenhuma pretensão começou a escrever fascículos cujo título chamou atenção da meninada londrina. Escotismo Para rapazes. Seus fascículos fizeram tanto sucesso que logo toda a juventude da cidade corria pelos campos aprendendo com suas ideias e os desenhos que ele fizera do tal escotismo. Dona Salomé gostou do rapaz. - Vocês pretendem partir hoje? – Não senhora. Vamos dormir aqui, vimos na entrada da cidade um campinho de futebol e se não incomodarem montaremos nossas barracas lá. Pretendemos partir com o lusco fusco da madrugada. Dona Salomé não perdeu tempo. – Não precisam dormir em barracas, no Grupo Escolar Estrela de David vocês terão abrigo. Temos lá um alojamento com camas e chuveiros quentes. Tenho certeza que irão gostar.

- Mas, por favor, gostaria de conhecer toda a história do escotismo. Vi que vocês são cavalheiros e isto me surpreendeu em jovens da sua idade. Se puderem ficar conosco por dois dias ficarei eternamente grata. Serão nossos convidados e não terão nenhuma despesa. Vou apresentá-los ao Conselho Diretor e vocês irão conhecer nossos líderes da cidade. O prefeito e os benfeitores ficaram honrados com a presença de vocês. Melchior, Baltazar e Gaspar nossos mentores espirituais, terão orgulho em apertar a mão de cada um. Eles há muito tempo vem pensando em criar alguma organização para nossos jovens. Vocês nos darão a honra de serem nossos hóspedes por alguns dias? Henoque pediu a ela alguns minutos, precisava consultar os companheiros de patrulha para que eles opinassem. Saiu, junto dos amigos fizeram uma rodinha, conversaram em voz baixa e ele retornou sorrindo. – Dois dias não podemos ficar, Acredito que um dia e meio será o suficiente. Ficaremos hoje amanhã e na virada da noite partiremos. Não podemos demorar, pois temos todo um programa para seguir.

Dito e feito. Foram levados Pelo Sargento Otoniel que também usava uma bicicleta até o grupo Escolar Estrela de David. Otoniel fazia às vezes de delegado e disse nunca ter prendido ninguém. Não existia cadeia em Jericó disse. Onde passavam eram motivos de ajuntamento nas janelas e portas das casas. Atrás uma enorme garotada corria atrás deles. Os quatro Escoteiros formavam uma patrulha unida e experiente. O mais novo tinha quase dois anos de atividade. Aproveitavam as férias de julho e agosto para grandes atividades

aventureiras e esta era uma delas. Levantaram cedo e as sete já estavam na porta da Câmara Municipal onde pediram para eles comparecerem. Os senhores Melchior, Baltazar e Gaspar dizem os historiadores de Jericó, foram os principais fundadores da cidade, pois a muitos e muitos anos receberam a chave diretamente da mão de Carmela, sobrinha neta de Nabucodonosor. Ninguém duvidava que eles três tivessem mais de cem anos de idade. Andavam como jovens, falavam como jovens e sorriam como jovens.

O auditório da Câmara estava lotado. Lá fora uma multidão querendo entrar, mas sabiam que não havia mais lugar. O Sargento Otoniel ficou na porta contando o que se passava lá dentro. Uma mesa redonda foi colocada no palco e então os três diretores começaram a arguir os seis meninos Escoteiros. Ficaram toda a manhã respondendo as perguntas que não sessavam. A Senhorita Ruth secretária do Prefeito foi convidada a secretariar e quem um dia passar no Museu da cidade, poderá ler a ata de fundação do primeiro Grupo Escoteiro de Jericó. Dizem ter mais de trezentas páginas. Quando os Escoteiros partiram o Sargento Otoniel recebeu uma missão de ir até a capital e comprar todos os livros, uniformes, chapéus, distintivos que encontrassem na sede regional. Joshua funcionário da loja escoteira levou o maior susto. O sargento nem perguntou o que ele tinha em estoque. Mandou empacotar tudo e a loja ficou completamente vazia. Pagou a vista e Joshua um pequeno funcionário da loja escoteira sabia que seria promovido pelos Comissários. Uma venda perfeita. Ria de orelha a orelha.

Enquanto isto os três reis magos, isto é os três diretores do Conselho Diretor da cidade não perdiam tempo. Chamaram todos os professores do Colégio Canaã, do Grupo Escolar Estrela de David e o colégio das freiras carmelitas Monte das Oliveiras. Durante uma semana ficaram em discussão. No final, mais de trinta professores se ofereceram para serem os voluntários. Para cada um foi entregue seis livros Escoteiros. Do fundador o Guia do Chefe Escoteiro, O caminho Para o Sucesso e o Escotismo para rapazes. Todos levaram também o Guia do Escoteiro do Velho Lobo, o Guia do Lobinho, e o Para ser Escoteiro. Melchior, Baltazar e Gaspar deram a todos um mês de prazo para saberem tudo de cor o que nos livros estavam escritos. Pode-se dizer sem sombra de dúvida que era um prenuncio dos melhores para um inicio do Grupo Escoteiro. A cidade em peso participou da escolha do nome do Grupo. Neftali uma jovem de dezoito anos, noiva de Absalom foi quem escolheu o nome mais votado. Grupo Escoteiro Mar da Galileia.

De início organizaram duas alcateias e duas tropas. Dois chefes ficaram com oito meninos cada um, para serem os futuros monitores. Em quinze de novembro de 1951 a cidade amanheceu em festa. Seria a data oficial de fundação do Grupo Escoteiro Mar da Galileia. Ninguém queria perder a promessa e muitos meninos se sentiam ressentidos por não terem sido aceitos no inicio. Posteriormente foi organizado mais duas alcateias, duas tropas, duas tropas seniores, um Clã pioneiro e todas as tropas com seus monitores devidamente formados e promessados. Foi uma linda cerimônia. O Grupo

Escoteiro Mar da Galileia em menos de um ano estava com todas suas sessões cheias. Não havia vaga e havia uma grande procura. Já pensavam em formar novos chefes e começar mais duas alcateias e duas tropas. Ali nunca faltaram voluntários. Em 1955 quarenta voluntários foram para a capital fazerem o primeiro Cursos Escoteiros. Uma cidade pequena sem grandes empresas e fábricas perdia inapelavelmente os adultos com bastante frequência. A procura de uma vida profissional melhor levaram muitos deles a irem para grandes cidades, mas passado alguns anos desencantavam-se e voltavam a sua origem. Muitos chefes foram assistentes nas alcateias e tropas. Isto acontecia com aqueles que partiram em busca de nova vida profissional.

Contam os antigos Escoteiros do Grupo muitas histórias de acampamentos, de excursões e também aquelas mais tristes com a morte de um jovem sênior no Rio Nilo e o sumiço do Escoteiro Jônatas quando acampavam próximo ao Mar da Galileia. A cidade não acreditava e as buscas duraram dois meses. Uma manhã de sol, eles viram uma luz azul descendo o Monte Sinai e Jônatas estava lá são e salvo. Ninguém perguntou o que aconteceu. Sabiam que era obra de Nabucodonosor. Mas o tempo passou e em 1966 assumiu a Tropa Escoteira o Chefe João Batista. De onde ele veio? Qual era sua história? Ninguém sabia. Em menos de seis meses se tornou amigo de toda a cidade. Professor de História e Geografia no Colégio Canaã e sua esposa Verônica uma excelente costureira logo fez grandes amizades. Quando o Chefe Zebulon resolveu ir para os Estados Unidos pela primeira vez a tropa não tinha assistentes. Foi um Deus no acuda. Os três diretores se puseram a campo. Discutiram a valer e escolheram um nome de um Chefe que tinha chegado à cidade há pouco tempo. Seu nome: - Chefe João Batista. – Mas afinal ele conhece de escotismo? Perguntou Gaspar, - não sei respondeu Baltazar. Nabucodonosor disse que sim. Vamos chamá-lo e colocar as cartas na mesa completou Melchior. Cinco dias depois ele foi apresentado a Tropa Escoteira Rio Jordão. Lembramos aos leitores que a segunda e terceira tropa pouco irá aparecer nesta história, assim como as quatro alcateias e as duas tropas seniores.



Capítulo II - Um senhor chamado João Batista.

Menos de dez horas da manhã do dia primeiro de abril de 1964, João Batista e Verônica desceram do ônibus na Praça Sete na capital do estado. Levaram o maior susto. Em todos os lugares soldados do exército armados até os dentes. Tanques de guerra cobriam cada rua e cada canto do centro da cidade. O que estava acontecendo? João Batista foi a uma banca de jornal e comprou o Diário Estrela de David. Lá explicava tudo. A revolução aconteceu. João Batista não era político, não era comunista, não era revolucionário. Ele era um simples Chefe Escoteiro. João Batista não era de falar muito, seu pai sempre dizia que quem cala ganha muito e quem fala demais dá bom dia a cavalo. Ele agora era outro. Agora era um homem trabalhador que pensava em criar sua família como um bom brasileiro. João Batista foi a capital aproveitando uma folga do feriado da cidade. Ela caiu em uma segunda feira. Combinou com todos no grupo que passaria na Cantina escoteira, se alguém queria alguma coisa que fizesse a encomenda. Na sede regional ele quem sabe poderia bater um papo com os líderes regionais, isto se tivesse alguém lá. Ficou hospedado no Hotel Jerusalém na rua do mesmo nome. Chegaram sábado pela manhã e iriam embora segunda à noite no noturno.

João Batista comentou com Verônica sua esposa que não devia se preocupar. Eles não eram malfeitores e melhor era cumprir o que pretendiam. Na Cantina Escoteira fizeram uma boa compra. Como sempre não havia

ninguém da liderança. Ele entendia, pois sabia que todos trabalhavam. Pegaram o trem noturno e ele partiu da gare Da Estação Monte Carmelo às onze e meia da noite. Deviam chegar por volta de nove da manhã. Na estação de Belém eles desceram. Logo avistaram Mebahel, um motorista de taxi e pai de um lobinho. – Chefe, cuidado, a “coisa tá feia” prenderam o Chefe Ezequias e os demais chefes sumiram da cidade. Proibiram o Grupo Escoteiro de Funcionar. Disseram que eles estavam treinando táticas de guerrilhas com os jovens e que o Grupo Escoteiro era comunista. Isto porque o lenço era vermelho e branco. Soube que foram na sua casa e perguntaram por toda a vizinhança. João Batista notou que os trens passavam cheios de prisioneiros com destino a capital. O Ezequias preso? Um rapaz seu amigo e irmão. Conheceram-se na usina e logo passaram a falar de escotismo. Coisas de escoteiros.

Mebahel os levou até sua casa. Alertou para não ficar ali. Era perigoso. João Batista disse para Verônica ficar de sobreaviso. Iria até a paróquia. O Padre Elias era gente boa. Ele devia saber o que estava acontecendo. No caminho alguém gritou de uma janela. João Batista viu que era Yanne, um Monitor da Raposa. – Chefe! Cuidado! Estão procurando o senhor por toda a cidade. Tem uma patrulha acampada atrás do Morro das Oliveiras. Estão com eles o Hamon e o Servulo. Eles disseram que iriam ficar lá até passar esta onda de prisão. João Batista agradeceu e partiu para a paróquia. O Padre Elias sorriu quando o viu. – Chefe acusaram vocês de serem comunistas por causa do lenço vermelho e que estão treinando os meninos para guerrilheiros. Pode? Olhe expliquei para o Sargento Pôncios Pilatos que tudo não passava de um engano. Não sei se ele entendeu, mas Judas estava com eles. Foi ele quem denunciou todo mundo aqui. Lembrei-me de Judas. Era Juiz de Menores na cidade e sempre foi contra a fundação do Grupo Escoteiro. Ele sempre foi a favor dos Guardas Mirins.

- Mas olhe continuou o padre Elias, não precisa se preocupar. Fui pessoalmente à 15ª Companhia da Polícia Militar. O Capitão Natanahel disse para você ficar quieto por uns tempos e não praticar escotismo. Deixar passar essa leva de denúncias sem fundamento. Ele sabia que os Escoteiros tem uma formação patriótica. Ele iria ver se soltava o Ezequias, mas ele tinha sido levado para o templo dos Fariseus na capital. Passou uma semana e tudo estava voltando ao normal. Ninguém mais procurou o Chefe João Batista. A patrulha que estava acampada voltou. Ramon e Sérvulo tinham dezessete anos. Eles se assustaram. Haviam passado para o Clã há pouco tempo. Pensaram que poderiam ser presos. Aos poucos o Grupo Escoteiro foi voltando ao normal com suas atividades. Só três semanas depois que soltaram o Ezequias. Ele estava revoltado e dolorido. Aplicaram nele choques, enfiaram sua cabeça dentro de um vaso de água suja e com um pequeno alicate arrancaram uma unha de sua mão. Seus olhos estavam vermelhos. Devia ter chorado muito.

Chefe João Batista! Não vou perdoar estes canalhas. Vou entrar para o sindicato e para a guerrilha. Lá terei respaldo e desculpe, vou deixar o grupo. Não quero que os militares achem que estou lá preparando uma revolução. O que fazer agora? O grupo praticamente esfacelado. Nenhum pai iria deixar seus filhos nas mãos de comunistas não era assim que diziam na cidade? João Batista achou que não dava mais para morar ali. Conversou muito com Verônica e dois meses depois demitido da Usina siderúrgica partiu para Salvador. Pensava que lá poderia arrumar emprego na nova área industrial que estava sendo montada com muitas indústrias e fábricas. Professor formado pela Universidade Federal da capital ele tentou nos colégios e também nada conseguiu. Comprou o Jornal A Folha dos Fariseus e viu que uma cidade do interior chamada Jericó precisava de um Professor. Pedia para comparecer na Rua Tira Chapéu levando documentos e curriculum.

Dona Salomé uma senhora muito simpática gostou muito de João Batista. O salário não era alto, mas ela prometeu uma casa mobiliada para eles morarem e disse que a vida em Jericó não era cara e ela tinha certeza que iriam amar a cidade. – Olha seu João, nós nos orgulhamos em ser uma cidade voltada para a paz. Nunca tivemos um roubo, nunca houve um assassinato e aqueles que gostam dormem de janela aberta. João Batista comentou com Verônica e ambos aceitaram na hora. A viagem até Jericó não foi fácil. Viajaram de ônibus até Damasco e de lá a cavalo foram mais dois dias. Não havia estradas e tudo que entrava ou saía da cidade só mesmo em lombo de burros. Parecia que a cidade saiu da história e não queria entrar na modernidade. Verônica estava adorando tudo. Adorou a travessia do rio Eufrates, a subida no Monte Sinai, o Vale do Hula. Ficou abismada com o Mar Vermelho. A cada parada para descansar admirava mais e mais a região e aos poucos tomavam conhecimento de sua história desde a fundação contada por Dona Salomé que os acompanhava.

A entrada da cidade era espetacular. Parecia que nuvens brancas cobriam boa parte da cidade e aos poucos elas subiam aos céus. Uma paz encantadora, uma brisa refrescante soprava harmoniosamente naqueles que estavam sentados na linda praça, varias igrejas e ali não faltava também templos evangélicos. Dona Salomé disse que todas as religiões ali viviam em paz e harmonia. Uma surpresa aconteceu no primeiro dia. Ao cair da tarde os sinos soavam convidando a todos à oração, uma voz invisível vindo do alto dizia: - Hora solene, hora da graça, na despedida de mais um dia em que tudo se toca, se envolve e enlaça. Aos suaves acordes da Ave-Maria o sol se esconde lá no horizonte bem distante e a natureza se emudece e uma grande cadeia de homens e mulheres, fechando os olhos por um instante, eleva a alma em terna prece. E não se sabe como uma voz incrivelmente doce de uma jovem ecoava no ar o Pai Nosso tão belo que os olhos de João Batista e Verônica se encheram de lágrimas.

João Batista se sentiu outro homem como Professor. Os alunos eram educados e prestativos. As notas de todos quase se igualavam. Ele sabia que a

maioria era escoteira, mas resolveu manter seu anonimato Badeniano por uns tempos. Quem sabe sua vida pregressa mesmo sem nada a se culpar poderia trazer lembranças ou pessoas indesejadas a cidade. Ele sentia falta do escotismo. Muita falta. Sempre foi um deles desde criança e não poder estar com eles novamente era triste e ele sentia isto a todo instante. Todos os sábados eles iam à tarde para a Praça Monte Carmelo e se sentiam como em estado de graça. Os Escoteiros corriam por todos os cantos. Era um grupo grande imaginou João Batista. Sempre na janela de sua casa ele os via indo acampar, empurrando carrocinhas, cantando o Rataplã, ou outra musica qualquer. Era rotina. Faziam escotismo dos bons. Sempre ao ar livre.

Um dia ele foi chamado a Sala de Reuniões do Conselho da cidade. Pela primeira vez ele conheceu Melchior, Baltazar e Gaspar, e ficou admirado pela figura que eles representavam. Algum Professor disse para ele que herdaram de Benfeitor da cidade Nabucodonosor toda a mística e segredos de Jericó. Eram considerados os pais da cidade. Não eram arrogantes e alisando com os dedos suas enormes barbas brancas entraram direito ao assunto – Meu amigo João Batista, falou Melchior, sabemos que você é Chefe Escoteiro e Escoteiro de coração desde criança. João Batista levou o maior susto. Como eles souberam? – Baltazar riu. Calma meu amigo, sabemos de tudo e você não precisa se preocupar. Aqui ninguém vai lhe fazer mal. Sentimos em você a paz e o amor que se espera em um homem de caráter e temos por você o maior respeito. João batista entrou calado e ficou calado. Ele sabia o que acontecia com os que falam muito.

- Precisamos de você disse Gaspar, claro que você não é obrigado a aceitar, mas a Tropa Escoteira Rio Jordão está sem Chefe. O Chefe Zebulon muito doente foi se tratar na capital. Nós sabemos que seu retorno é difícil. Sabemos que sua vida na terra vai se encerrar em poucos meses. Tem muitos esperando por ele lá em cima já que era uma alma bem quista e de grande coração. A Tropa Escoteira Rio Jordão há muitos e muitos anos decidiram terem só um Chefe. Não é certo, pois na falta de um não tem substituto. Mas os monitores foram irredutíveis. Porque decidiram assim é um direito que eles têm. Abraão o Monitor mais antigo assumiu a liderança e apesar de ser um ótimo líder a tropa precisa de adulto. – Todos se calaram. João Batista não sabia o que dizer. O sangue Escoteiro que corria em suas veias dizia que ele precisava voltar ao seu destino. – Aceito disse. Ele sabia que Verônica iria apoiar sua decisão. Ela sempre dizia à falta que o escotismo estava fazendo a ele.

João Batista ficou estupefato. Nunca imaginou uma cerimônia de apresentação a um grupo como a que se estava realizando. Foi um dia marcante em sua vida. Todas as sessões presentes e impecavelmente uniformizados. Quando ele viu os três reis magos, isto é, os três diretores uniformizados não acreditou. Foi fantástico ver três velhinhos de barbas brancas, cabelos longos brancos, com um chapéu Escoteiro Prada legítimo, uniforme cáqui de tergal, meiões importados da Alemanha, lindas Jarreteiras

inglesas, e no chapéu o penacho mais lindo que ele tinha visto. Um azul celeste que brilhava. Todas as autoridades da cidade estavam presentes e aqueles Ex-Escoteiros portavam também seus uniformes. Um Monitor sênior tocou um reunir em um Chifre do Kudu negro, e sem barulho por parte das centenas que ali estavam. Um farfalhar de gente contra o vento começou a se deslocar. Em segundos se formou duas ferraduras. Uma dentro da outra. Na frente os lobos. Atrás os Escoteiros e seniores. Ninguém fora do lugar. Os chefes de um lado, convidados de outro. Um lobinho tomou a frente e convidou sua matilha para a cerimônia de bandeira.

Incrível a postura de cada um. Comandados por um lobinho se via a garra o garbo e o civismo estampado em todos os presentes. Ao comando de firme a bandeira em saudação o Hino Nacional ribombou de lado a lado de canto a canto. Cantado de maneira soberba e foi então que ele viu quatro seniores atrás da ferradura, um com um violão, outro com um saxofone, alguém tocava deliciosamente uma clarineta e o último um pequeno tarol a marcar o compasso. Ao término o lobinho dirigente correu para sua matilha e o Escoteiro mais antigo do grupo correu até o início da ferradura e fez uma linda oração. Os diretores do grupo agora dirigiam toda a atividade. Um toque pelos músicos Escoteiros de Saudação a Autoridade, todos em posição de sentido, João Batista foi chamado. Ele não sabia como, mas Melchior com sua voz doce e suave comentou seu curriculum Escoteiro rapidamente. Um chiado, uma palma surgida no silêncio, aumentando até que todos, os lobos e Escoteiros tiraram a cobertura e gritaram o Grito de Guerra da União dos Escoteiros do Brasil alto e em bom som. Anrê! Anrê! Anrê! Pró Brasil? Maracatu!

João Batista era um chefe experiente e tinha feito os dois principais cursos da época. O de Adestramento Básico onde ficaram cinco dias acampados e o da Insígnia da Madeira ramo Escoteiro nove dias também acampado. Ele queria ter seu certificado e o lenço e para isto não demorou a enviar a União dos Escoteiros do Brasil o seu “caderno” um questionário de muitas perguntas para analisarem o grau de conhecimento do Chefe. Com a sua saída da Cidade do Aço ele praticamente esqueceu o seu sonho. Sabia ser impossível um dia ser Chefe Insígnia de Madeira. Sem esperar João Batista foi surpreendido por uma deliciosa surpresa. Ao lado dos três diretores viu que um deles portava uma pequena bandeja acolchoada com as cores verde e amarela e dentro um lenço da Insígnia da Madeira e ao lado o Colar com duas contas. A voz de João Batista sumiu. Na garganta um nó. Ele não acreditava no que estava acontecendo. Os três diretores entregavam a ele seu lenço, seu colar e o certificado. Como? Será que eles eram tão bem relacionados com os dirigentes nacionais? Seus olhos encheram-se de lágrimas. Verônica veio correndo lhe abraçar. Emocionadíssima ela não sabia o que dizer.

A surpresa maior foi que a bandinha, ou melhor, o conjunto musical começou a tocar O Rataplã e todos participantes da ferradura cantaram em voz uníssima de uma conjunção de vozes que ele de novo ficou embasbacado. Aos poucos matilha por matilha, patrulha por patrulha corriam até onde estava

e todos o abraçavam com carinho. Por último os chefes fizeram um círculo em volta dele e o jogaram para cima várias vezes gritando: - vida longa Chefe João Batista, vida longa! Escoltado pela Tropa Escoteira Rio Jordão, eles se dirigiram a parte que lhes cabia no pátio. Cada um em fila se apresentou e João Batista dizendo seu nome, tempo de escotismo e sua classe. João Batista pensou consigo mesmo que nunca mais seja o que acontecer ele deixaria aquela tropa na mão. Abraão o Monitor mais antigo da patrulha Garça Real e presidente da Corte de Honra tomou seu lugar a frente e dirigiu as honras de praxe. Apresentou-o a Tiago, Monitor da Patrulha Camelo, Uziel da Patrulha Galha e Batuel da Patrulha Corvo. O grito de tropa foi dado e logo os gritos de todas as patrulhas. João Batista agora se sentia mais Escoteiro. Era o Chefe da Tropa Rio do Jordão, e com orgulho pertencia também ao Grupo Escoteiro Mar da Galileia.



Capítulo III - Uma Tropa Escoteira chamada Rio Jordão.

Tudo tem seu tempo, sua hora e lugar.

O Chefe João Batista ria a mais não poder na Conversa ao Pé do Fogo que se realizava no segundo dia de campo. Era seu primeiro com os monitores da tropa Rio Jordão. O local era excelente, boa aguada, muito bambu, lenha seca, um rio piscoso, e uma floresta negra ao norte do Monte Sinai. Quando terminou o jogo das Panteras Negras, ele ascendeu o fogo em frente a sua barraca e aos poucos a escoteirada ia se aproximando. Uns sentando aqui, outros ali. Ele gostava destas horas onde os jovens se soltavam sem uma hierarquia e regras de um Fogo de Conselho. Quando Tiago começou a contar a história de um acampamento só da patrulha, a atenção de todos se fixaram em sua figura. A história não era nova, a maioria já conhecia, mas Tiago era um mestre Contador de Histórias para ninguém colocar defeito. Ele imitava todas as personagens e isto prendia a atenção de todos.

- Vai cair! Deus do céu eu não aguento mais segurar! – Felipe com seus 12 anos gritava sem parar. Ele não estava só havia mais dois com ele. Mas a chuvinha fina incessante caía sem parar, a estradinha ia desaparecendo e com ela a carretinha da patrulha rumo a um abismo sem fim. Tiago gritou alto – Segurem! Vou tentar pegar o material com a corda por cima. Vi uma fenda bem proximo da estrada no alto e cabia até duas pessoas. Todos olharam e viram também. Estava enlameada. Não seria fácil ir até ali, mas todos sabiam como Tiago era. Tudo para ele sempre foi um desafio e ele nem pestanejava. Para isto era o Monitor. Efraim correu para ajudá-lo. Conseguiu. – Gritou para Malquiel – Suba na carretinha, amarre primeiro o saco de patrulha e depois o material de sapa! E vocês segurem, pois se não o Matheus e a carreta vão cair pelo despenhadeiro! Malquiel gritou de alegria. A carretinha parou de escorregar. Já quase vazia conseguiram tirar a roda que balançava no ar. Matheus sorriu aliviado. Pensou que não ia sobrar nada, o medo estava passando. Gedeão tentava ajudar, mas sua perna doía demais. Foi ele o culpado quando a chuvinha começou e foi coçar as costas quando perdeu o equilíbrio e a carretinha começou a cair no precipício.

Depois do susto todos os olhares se dirigiam para Remiel, ele abaixou a cabeça. Afinal foi ele quem deu a sugestão de alterar o caminho. – Olhem o Seu Servulo da venda foi quem me ensinou. Disse que se passássemos pelo Serra do Monte Carmelo iríamos economizar mais de uma hora na jornada. – Coitado do Remiel. Se a carretinha tivesse caído ele nunca iria deixar de se culpar. No principio não foi difícil. Eram sete e a carretinha não estava tão pesada. Foi na volta do Rio Eufrates, logo após passarem pela Porteira do Fim do Mundo que tudo começou a ir por água abaixo. Uma chuvinha fina, a terra formando barro, a carretinha deslizando e o perigo chegando. Se tudo estivesse seco não haveria perigo algum. Agora qualquer mancada eles sabiam que a garganta era profunda, mais de oitenta metros. Uma queda fatal. Efraim o sub.monitor gritou alto com todos, deixem o pobre do Remiel em paz, ele só queria ajudar! Vamos partir, pois temos menos de duas horas antes que escureça! – E lá foram eles, agora mais fácil só descida. Meia hora e avistaram o local do acampamento. O Vale das Oliveiras era um local excelente para acampar. Conhecido do Chefe Zebulon e plenamente avalizado pelo Demétrio Pintassilgo, dono da Fazenda Pedra da Aliança. Eles tinham ido lá uma vez com ele em um domingo. Deviam ter ido pelo caminho traçado e combinado, mas não...

Chefe tudo aconteceu na Reunião de Monitores na casa do Efraim. O acampamento estava marcado. Extraordinariamente o Chefe Zebulon, o seu antecessor expediu um estafeta para avisar aos demais de uma reunião urgente com os monitores. Nenhum deles conhecia muito o Chefe Zebulon, pois assumira a tropa a menos de três meses. Todos gostaram dele na apresentação. Ele tinha um sorriso contagiante. À medida que chegavam foram se assentado em volta da mesa. Não era comum o chamado do Chefe, mas naquela noite ficaram sabendo o porquê da convocação. Chefe Zebulon explicou a todos que teria que partir da cidade e poderia não voltar. Não disse

o por que. – Mas vocês enquanto o Conselho Diretor não conseguir um novo Chefe devem continuar se reunindo. – Afinal não podem ficar sempre dependentes não acham? - Ele disse. Tem que fazer como Caio Vianna Martins, o Escoteiro caminha com suas próprias pernas! – Uziel Monitor da Patrulha Gralha sorriu. Para ele isto não era novidade. No livro de ata da Corte de Honra quantas e quantas vezes a Tropa Rio do Jordão ficou sem Chefe? – Olhe Chefe, disse Tiago – Nós tínhamos marcado um acampamento com minha patrulha. Tudo foi autorizado pelo Senhor e pela Corte de Honra. - Agora cancelar? Todos sonhavam com o acampamento marcado para o sábado seguinte no Vale das Oliveiras proximo as Colinas de Hebron. Eles conheciam o local. Fizeram uma atividade lá em um domingo. Era meio escondido, o sol quase não aparecia por causa das montanhas em volta. Mas tinha uma linda cascata, um local gramado e bambus à vontade. Tudo tinha sido preparado pelo Matheus o intendente. Nada faltava. Ele fez questão de afiar as ferramentas, limpar as duas barracas e as panelas apesar de velhas estavam brilhando.

E então Chefe, vamos cancelar o acampamento? Chefe Zebulon pensou e pensou. Acho que vou acreditar em você. Já acamparam sozinhos? Abraão o Monitor mais antigo considerado o Guia da Tropa confirmou ao Chefe que todos eram bastante experientes e a Patrulha do Tiago tinha perfeitas condições. – Tudo bem se os demais monitores estão de acordo eu não serei contra. – E foi assim Chefe que começou a nova aventura com a patrulha acampando pela primeira vez sem chefes. Ficou determinado que cada um dos Escoteiros da patrulha trouxesse a autorização dos pais por escrito. Não foi difícil. Para explicar aos pais a patrulha comparecia completa na casa de cada um. Só o pai do Malquiel teve duvidas, mas tantos a falarem ao mesmo tempo, que ele para se livrar deu a autorização. Tudo certo para a partida. Chefe Zebulon viajou naquele dia mesmo. Ninguém sabia onde ele foi. Afinal naqueles dois anos que ele iniciou na tropa fez grandes amizades. Todos gostavam dele, nunca viram um adulto como ele amigo dos jovens, sabia ouvir e aconselhar claro se os Escoteiros pedissem. Ele sempre dizia que se conselho fosse bom se vendia e não de graça como é hoje.

O tempo passou rápido. Chefe João Batista deu boa noite a todos. Acho que preciso dormir e vocês também. Os monitores despediram e juntos fizeram uma oração. Tiago foi para a sua barraca pensativo, ele lembrava-se das palavras do Chefe João Batista quando estavam cantando o Stoldola. Cantem mais devagar com harmonia, façam a voz sair da alma do coração. É importante lembrarem quando cantarem é como vocês estivessem saboreando uma boa refeição. A música e a letra tem que entrar no seu coração. Um poeta dizia que quando se ouve boa música fica-se com saudade de algo que nunca se teve e nunca se terá. E não esqueçam o pássaro não canta por estar feliz, mas sim está feliz porque canta. Tiago riu, mas aprendeu e nunca mais esqueceu.

Uziel também foi para sua barraca. Estava dormindo com Abraão e Batuel. Ele lembrou o dia que entrou para a Tropa Escoteira. Não dava para

esquecer o Chefe Demétrio mais antigo que o Chefe Zebulon entrou em sua casa. Seu pai o olhou de esquelha e pouco falou. Ele sempre foi assim sério e circunspeto. Mal conversava com ele. Era Tabelião do Cartório no Bairro Absalom. Uziel notou que só o Chefe Demétrio falava e isto não era bom. Falou tudo que sabia, contou sobre os Escoteiros, o que poderiam aprender suas vantagens junto à família à escola e a igreja. Só quando comentou sobre civismo e disciplina que as sobrancelhas de seu pai se mexeram. Viu quando seu pai levantou a mão como a dizer - Basta! Uziel tremeu. Sabia a maneira de proceder do seu pai – Meu filho não vai entrar nesta. Boa noite moço. Vá com Deus! Era assim que ele agia. Mas ele se enganou redondamente, seu pai sorriu e que sorriso, Uziel também sorriu. – Senhor Demétrio, entrego meu filho as suas mãos. Faça dele um ótimo Escoteiro é o que desejo. Uziel ficou em pé, fechou a mão direita e pulou gritando – Urra! Olhou para seu pai assustado. Ele sorria para ele.

Tudo neste mundo tem uma razão de ser. Uziel nunca pensou que poderia fazer o que estava fazendo. Ele gostava de outras coisas. Junto a mais dois amigos passavam o tempo livre no seu conjunto musical que queria montar. Uziel estava na escola de Dona Dinorah que ensinava música. Ele adorava um saxofone, sabia que tão cedo poderia comprar um, mas sabia que um dia isto iria acontecer. Ele iria crescer e ser um grande saxofonista. Até mesmo já tinha composto duas melodias. Poucos gostavam delas, mas era sua escolha pessoal. Seus dois amigos tocavam violão e um deles pensava ser um grande baterista. Ele era muito inteligente, pois com duas latas de vinte litros, uma tampa de panela grande, duas baquetas montou a sua bateria. Duas vezes por semana no fundo do quintal eles treinavam. Uziel sempre pensando que um dia iria gravar suas composições. Dentro da barraca Uziel olhava para cima como se estivesse vendo o céu. "Eu gosto da noite pensava. Sem a escuridão, não poderíamos ver as estrelas.". Ele tinha lido isto em algum lugar, agora não se lembrava.

Abraão Monitor da Patrulha Garça Real não tinha pai. Ele tinha morrido conforme sua mãe lhe contou há muito tempo. Ela contou que ele trabalhava como pedreiro na construção de um arranha céu na capital e caiu. Morreu na hora. Sua mãe chorou pouco, pois logo mudaram para Jericó. Sua mãe disse que sua Avó ainda era viva e tinha uma casinha bem próxima à praça. Você vai gostar de lá ela disse. Ele tinha dois anos e nem se importou com isto. Agora com seus onze anos Jericó era tudo que conhecia. Soube pela sua mãe como era a capital, mas ele nunca se interessou. Amava a cidade e achou que ia se formar e morar ali para sempre. Estavam saindo da Missa das sete naquele domingo quando o Padre Jeremiah o chamou juntamente com sua mãe. Ele falou pouco – O Chefe Demétrio abriu duas vagas em sua tropa. Se você estiver interessado vá procurá-lo no sábado na sede deles e diga que fui eu quem o enviou. Pensei em você, pois achei que poderia interessar.

Não deu outra. Abraão amou o escotismo desde o primeiro dia. Ele fazia escotismo de manhã de tarde e a noite. Nunca discutiu com ninguém, nunca

brigou e só sabia fazer amigos. Chorou muito quando fez a Promessa Escoteira. Mas chorou de alegria. Abraão era emotivo. Muito. Emocionava com uma boa história, emocionava com o nascer e o por do sol. Quando alguém na patrulha sorria pela vida Escoteira que levava ele se emocionava. Quando foi escolhido pela patrulha para assumir como Monitor no lugar de Jezabel foi como se desnudasse toda sua vida e agora seria outra bem diferente. Sabia que uma monitoria requer sacrifício e abnegação. Abraão não mudou tanto, pois se tinha boas notas escolares elas continuaram como antes. Bom menino, responsável tinha nos patrulheiros da Garça Real uma grande admiração e uma forte amizade. Seu Espírito Escoteiro era tão forte que logo foi escolhido para Presidente da Corte de Honra e na falta do Chefe ele assumia como Guia de Tropa.

Batuel segurava o mastro da bandeira conforme lhe instruíram. Era enorme, mais de oito metros. Furaram um buraco com mais de quarenta centímetros e já tinham reservados vários pedaços de paus para firmarem em volta. Uziel levantou o mastro enquanto aguentou, mas logo ele foi enlaçado por cordas e puxado pelos demais foi subindo e caiu dentro da vala aberta por eles. Manter no prumo não foi difícil. Batuel deu alguns passos atrás e olhou com carinho o mastro que ajudou a cortar e a fixar. Batuel sorria. Gostava de sorrir e ainda mais sendo Escoteiro. Nunca pensou que ia ser um deles. Quando seu pai lhe disse foi pego de surpresa. Chefe Demétrio escolhia sem conhecer, mas era um homem de sorte. Eram quatro monitores que valiam por vinte. O que Batuel gostava mesmo era de acampar. Adorava quando saiam para o campo. Sem perceber se tornou mestre em pioneirias. Ele tinha uma queda por planejar desenhar e construir tudo que lhe vinha à mente. Ele sonhava em um dia montar um campo de patrulhas em cima das árvores. Levar água e a patrulha poderia passar dias sem descer.

Batuel no primeiro dia que entrou para a Tropa Rio Jordão fez questão de cumprimentar a cada um com a mão esquerda – Os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda! Ele dizia sorrindo. Todos olharam espantados. Calma pessoal quem falou isto foi o fundador do escotismo. Robert Stephenson Smyth Baden-Powell. Um dia vocês irão ouvir muito sobre Lord Baden-Powell ou BP. Todos ficavam surpresos com seus conhecimentos. O que eles não sabiam era que todo o dia Batuel ia à biblioteca e lá procurava toda literatura do fundador. Ele sempre foi um jovem legal. Tinha amigos que não acabava mais. Na escola todos se aproximavam querendo conversar com ele. Ele tinha um dom, sabia ouvir. Coisa difícil hoje em dia que todos querem falar primeiro. Na primeira excursão que fizeram ele fazia todos rirem apesar de serem pata tenras iniciantes. Muitos levavam uma mochila cheia de bugigangas, mas o Chefe Zebulon deixava. Ele sempre dizia que devemos aprender a fazer fazendo.

João batista se sentia outro. Desde a saída do Chefe Zebulon ele se tornou um guia, um amigo e um irmão de todos Escoteiro da tropa. Era o Chefe deles, mas se comportava como irmão mais Velho. Sabia ouvir, falar na hora

certa e compreender os problemas de cada um. Sempre ficou com eles em todas as horas possíveis. Os monitores e os Escoteiros passaram a ter o Chefe João Batista como um herói e amigo de todas as horas. Não houve grandes mudanças. Parecia uma continuidade no crescimento de cada um e isto os faziam felizes. João Batista neste primeiro acampamento com os monitores ele se surpreendeu. Não era Pata-tenra como Chefe, pois boa parte de sua vida ele foi Escoteiro. Mas os meninos monitores da Tropa Rio Jordão eram os melhores monitores que ele conheceu. Naquela noite no Fogo de Conselho surpreso ele viu a meninada fazerem o melhor Fogo de Conselho que tinha assistido até então.

O Fogo de Conselho estava programado para a noite de domingo. Uziel foi eleito responsável por ele. A tarde toda a patrulha fez duas viagens levando lenha seca. Eles escolheram o local próximo a Pedra do Nilo as margens do Rio Jaboque. Menos de quinhentos metros do acampamento. A pedra não era alta, quem sabe uns quarenta metros. Não seria um fogo sofisticado. Eles tinham bons treinamentos em Fogo de Conselho. Fizeram diversos fogos e eles queriam por a prova o fogo Perene. O Chefe Zebulon no passado dizia que ele dura exatamente duas horas e meia sem a necessidade de abastecimento. Queriam testar. Primeiro um pequeno feito com achas grossas e por dentro achas finas em forma de triangulo, depois uma fogueira tipo São João com achas bem grossas em volta. Um metro e fechariam com uma tampa de achas médias. Finalmente uma fogueira indígena por cima, bem feita e segura por cipós. Ela queimaria em primeiro lugar e jogaria brasas nas de baixo e assim o tempo de duração seria o programado. Claro que precisavam bom treino e saber a madeira certa para queimar.

Abraão reuniu a patrulha no domingo a tarde logo após o banho na Cascata do Mar Vermelho. Ninguém queria sair e ficaram mais de uma hora naquela água gostosa e agradável. Mas o tempo urgia e precisavam fazer o jantar, pois o Fogo de Conselho estava marcado para as nove e meia da noite. Quando iniciaram a montagem do fogo Batuel e Tomé sentiram algum estranho no local escolhido. Eles não sabiam o que era. Parecia que alguém estava em volta deles, mas eles não viam ninguém. Comentaram com Abraão e Uziel. Eles também não notaram nada. Pararam por alguns instantes, as arvores pareciam quietas, não havia pássaros noturnos. Eles não se lembravam de algum parecido nos acampamentos anteriores. Claro eles tinham a presença do Chefe João Batista e eles sabiam que podiam confiar. O Chefe João Batista tinha grande experiência e a patrulha não tinha medo algum. Agora não. Não era medo, nada disto era uma cisma que não sabiam explicar.

Abraão fez uma reunião de patrulha. Explicou o que estava sentindo e aos poucos a inquietação foi sendo esquecida. Todos agora estavam animados para o inicio do fogo. Às oito da noite após a janta deixaram as vasilhas para serem limpas pela manhã. Não era certo. Nunca fizeram assim só não queriam atrasar o Fogo de Conselho. Às oito e meia estavam em marcha de estrada na pequena trilha que os levaria até a Pedra do Nilo. Pararam atônitos – Uma bola

de fogo parecia correr pela trilha em direção a eles. Quando ela estava próximo correram fora da trilha e cada um subiu em um tronco de árvore. A bola de fogo passou zunindo e sumiu na trilha de retorno. Desceram com o coração batendo – O que era aquilo? Perguntou Uriel! Ninguém soube responder. E agora? Fazemos o que? Abraão não se deu por achado. Vamos em frente, nosso fogo tem de ser aceso às nove da noite. Tremendo lá foram os quatro monitores rumo a Pedra do Nilo. Não aconteceu mais nada depois da bola de fogo. Ficaram sabendo depois que os três reis magos de Jericó disseram ser a bola de fogo um aviso de Nabucodonosor que ele estava presente e os protegeria de tudo de ruim que pudesse acontecer.

Tomé e Uziel já tinham preparado o fogo conforme discutido anteriormente. O Chefe João Batista chegou logo em seguida, pois iria assistir sem interferir. Abraão perguntou a todos se podiam dar início. Todos ficaram de pé em silêncio. Uziel tinha um fósforo. Somente um. Se ele o perdesse não haveria outro. Não conseguindo a responsabilidade passaria para Batuel. Se Batuel não conseguisse ninguém sabia quem seria o próximo. Isto nunca aconteceu. Dois palitos era o máximo permitido. Uma vez perguntaram ao Chefe Zebulon o que aconteceria se perdessem os dois palitos – O fogo não pode ser aceso, respondeu – É uma tradição. As atividades do fogo do conselho seriam feitas sem fogo. Todos estavam de olho em Uziel. Ninguém falava nada. Um silêncio sepulcral. Um segundo, dois três e quatro e a fumaça começou. Cinco e seis os primeiros gravetos crepitaram, sete e oito a vibração total. O fogo estava aceso! – Uziel deu um pulo no ar – Com a mão direita levantada fazendo o sinal Escoteiro gritou – “Que os ventos do norte, que os ventos do sul, que os ventos do leste e oeste nos tragam a luz. Que a paz e o senhor que nos protege faça brilhar as estrelas no céu”. A patrulha já estava em pé e a começaram a cantar a Canção do Fogo de Conselho. Cantaram serenamente, calma e sem alarde:

¶“Brilha a fogueira ao pé do acampamento”...
Para alegria não há melhor momento,
Velhos amigos não perdem a ocasião
“De reunidos cantar uma canção”.¶

Era apenas um Fogo de Conselho, igual a tantos que um dia aconteceu na vida de cada um. Eles sabiam que no passado há muitos e muitos anos o fundador com sua experiência e vivência adotou uma atividade das mais belas no escotismo. A mística, a ambientação do programa Escoteiro não difere dos costumes, valores e tradições culturais de muitos povos que ele conheceu em suas viagens. Ele vivenciou os nativos da Ásia, os selvagens africanos, os peles-vermelhas da América e mesmo os colonizadores brancos, que se reuniam em torno de fogueiras, acreditavam que suas luzes e calor espantavam as trevas, o rio e os animais selvagens. Sabiam que era o momento em que todos se encontravam para conversar, cantar, contar histórias ou planejar as caçadas, discutir a paz ou a guerra. Eles sabiam que as fogueiras ao ar livre já existiam desde séculos e séculos passados. Seus efeitos mágicos

e práticos acompanham o homem desde sua origem até hoje. Essa origem se perde no tempo, remontando desde os mais remotos, quando o homem ainda dormia ao ar livre. O escotismo assimilou tudo isto. Dizem que foi na África que apareceram os contadores de histórias e os guardiões de todas as tradições. Aqueles meninos que ali em volta de uma fogueira naquela noite escura cantavam e contavam tudo que os divertia, eram participantes de uma fraternidade universal. Podia-se ver que eram iluminados pela luz amarela da fogueira que subia aos céus com suas fagulhas coloridas. Quem sabe sob a proteção de Nabucodonosor, um espírito iluminado e criador daquela bela cidade de Jericó.



Capítulo IV - Era uma vez... A Operação da Arca da Aliança.

Foram nove meses de preparação. Chefe João Batista fez duas reuniões de pais, conversou pessoalmente com três deles. No programa ele precisaria refazer os viveres em três locais diferentes. Queria evitar muito peso nas mochilas dos Escoteiros. Uma seria no alto do Monte Sinai, o segundo no Vale do Rio Eufrates, e por último no Lago Hule após terem atravessado o Vale de Canaã. Dos trinta jovens da tropa, se inscreveram vinte e oito Escoteiros e os dois restantes ainda iriam confirmar. Bivaques não eram desconhecidos para ele. Já fizera vários e sabia que era cansativo, mas tinha muitos atrativos que devidamente explorados pelo Chefe e os monitores, era plenamente certo que o sucesso é garantido. Todos do mais novo ao mais Velho na tropa teriam o que desejavam - A Aventura! E ele sabia que ela não iria faltar. Ele foi convidado pelos membros diretores Melchior, Baltazar e Gaspar para uma

reunião. Havia uma preocupação dos pais e de alguns dos chefes do grupo quando souberam que ele iria passar pelo Vale de Canaã para atingir o Lago Hule. Era um local perigoso e por diversas vezes o pequeno riacho virava um rio caudaloso. Vários habitantes de Jericó haviam sucumbido ali e poucos retornaram. Eles sabiam que nas suas margens se houvesse uma cheia não havia escapatória e todos seriam levados de roldão sem poder escapar.

O Chefe João Batista explicou como seria o programa e se ele sentisse que alguma possibilidade de chuva estivesse para acontecer nas cabeceiras do rio ele encerraria ali a atividade. – Chefe, disse Baltazar, eu sei que sem uma pitada de perigo nada vale para a formação do jovem. Mas se quer saber estamos de acordo. Chefe João Batista não tinha a menor ideia que eles em uma reunião entre quatro paredes, seu guia espiritual já os tinha orientado como agir. Os meses foram passando, a tropa só falava no Bivaque. - Chefe? – Perguntou Batuel, a maioria dos Escoteiros está perguntando por que não dar um nome ao nosso Bivaque? – Boa ideia Batuel - falou o Chefe João Batista. Fale com os outros monitores, peça a eles que conversem com suas patrulhas pedindo sugestões. Depois decidiremos em Corte de Honra. Dois meses depois o Bivaque já tinha nome: - “Operação Arca da Aliança”. Nada como um nome bíblico para que a cidade tomasse conhecimento e se orgulhassem de seus Escoteiros. Muitos pais que foram Escoteiros na juventude dariam tudo para estar com eles. O Chefe João Batista lembrou-se do que conhecia da Arca. Ele sabia que ela continha as duas tábuas do Decálogo (os Dez Mandamentos). Lembrando que Deus tinha feito uma aliança com Israel, mas o seu povo tinha quebrado. Por sua graça, Deus renovou a aliança, e ordenou que o registro (as tábuas de pedra) deveria ser depositado na Santa Arca. O Livro da Aliança que tratava de outros aspectos da lei e das ordenanças foi depositado ao lado da arca. Mas os 10 Mandamentos foram armazenados dentro da própria arca. “Ex 25,16”. Depois “porás na arca o testemunho que eu te darei”.

Eles treinaram em patrulhas tudo que podia acontecer na atividade. Determinou-se que na mochila todos levariam a mesma tralha. Separaram e até pediram ajuda as mães para um caldeirão simples, uma pequena panela de alumínio e uma frigideira. Não precisavam de mais. Dois facões, duas machadinhas, um serrote e o melhor, o que levar de alimentação na mochila. Dois meses discutido o cardápio do campo. Não foi difícil. Teria que ser o mais simples possível, pois tudo iria às costas de cada um até a próxima etapa da jornada. Firmaram um pacto que ninguém a não ser em casos especiais iria levar material de outro. Cada um teria que ser responsável pelo que ia levar. O Chefe João Batista disse que eles iriam ter três locais para dormir. O primeiro ficava na descida do Monte Sinai. Uma cabana de madeira que caberia todos para dormir ou servir de abrigo de chuvas torrenciais. O segundo uma grande caverna próxima ao Vale do Rio Eufrates. Uma caverna enorme onde se podia jogar dançar e cantar. A terceira a mais perigosa era cruzar o Vale de Canaã em apenas um dia. Um local desconhecido e sabiam que ali morreram muitos que se arriscaram passar por lá. Conseguindo chegariam ao Lago Hule, última

etapa onde iriam montar campos de patrulhas e fazer grandes jogos e competições inolvidáveis.

Os Patrulheiros da Garça Real eram os mais animados. Abraão o Monitor ouvia com alegria os comentários na escola, na praça junto a amigos em sua rua não havia outro assunto a não ser a Operação Arca da Aliança. Dimas era o mais novo na Patrulha, mas tinha uma coragem de fazer inveja a cada um dos patrulheiros. A Patrulha Camelo cujo Monitor era Tiago, eram os mais quietos e calados. Todos sabiam de sua força e de sua vontade em acertar. Os Patrulheiros da Patrulha Galha eram altos e fortes. Eles sabiam que iriam tirar de letra esta jornada da Operação Arca da Aliança. Só Batuel e os Patrulheiros da Patrulha Corvo treinaram tudo que tinham direito. Se precisasse de uma tipoia, de uma maca, de um nó especial ou mesmo uma ajuda de primeiros socorros, a patrulha sabia o que fazer.

Todos estavam devidamente preparados para os oitenta quilômetros que iam enfrentar. Nunca em suas vidas andaram tanto. No máximo quinze até a Terra de Moabe onde fizeram um lindo acampamento depois do ano novo. Os monitores se reuniram diversas vezes. O Chefe João Batista conversou longamente com cada um. Lembrou-se dos sapatos macios e que não estivessem apertados, meióes perfeitas sem cerzir. Uma pequena capa de chuva de plástico e que cada patrulha não deixasse de verificar sua caixa de primeiros socorros. Corria o mês de dezembro de 1968. Faltava um mês para o inicio da jornada. Houve um hiato na tropa para o Natal e Ano Novo. Três semanas antes da partida eles se reuniram todos os dias.

O Chefe João Batista estava em férias escolares. Aproveitou para dar uma ajeitada em sua casa que foi cedida pelo Conselho da Cidade de Jericó. Uma vila tranquila, pacata e João Batista sempre comentava com sua esposa Verônica a escolha que fizeram. Havia dois anos que moravam em Jericó. Uma cidade onde os habitantes chamavam-se pelos nomes, onde os convites para uma festa ou um aniversário era uma constante. Interessante que as coisas que eles viram e ouviram se tornou comum e não houve mais curiosidade em saber o que ou como os acontecimentos fugiam a sua imaginação. Eles acostumaram com o entardecer da Ave Maria. Do cantar da jovem que nunca viram, das orações do Mestre que desconheciam. Sabiam que os diretores e membros da liderança da cidade e do Grupo Escoteiro Mar da Galileia Melchior, Baltazar e Gaspar tinham mais de trezentos anos. Contaram a eles e eles acreditaram.

Ambos agradeciam a Deus por tudo que lhes deram. Pediam mais, eles queriam um filho, um menino ou menina não importa, mas Verônica parecia não acertar o dia propício. Eles sabiam que o que tinha de ser um dia será. Se Deus quiser que eles tenham um filho irão ter, se não só a ele o criador saberia explicar o porquê não poderiam ainda ter o que desejavam. O Chefe João Batista tinha muitos amigos na cidade, mas ninguém em especial. Ele um dia teve um amigo que era mais que um irmão. Ezequias. Hoje se lembrava

dele, mas nunca mais teve notícias. Não tirava a razão de sua revolta. Sempre pensou em voltar a Belém. Comentou com Verônica e ela sorriu quando ele lhe disse que um dia iria voltar só para convidar Ezequias a morar em Jericó. Será que ele aceitaria? Ele sabia que o ar, as pessoas, tudo em Jericó convidava a paz e o amor. Mas voltar às origens não era fácil. Ele sabia que agora todos e tudo seriam diferentes. Claro que sentia saudades, a mudança que ele fez em sua vida foi radical. Hoje se sente livre em uma cidade sem marginais, onde o amor transpira e ele teria ali sua morada até sua morte, ou quem sabe até Deus dizer o contrário.

O dia tão esperado chegou. Pela manhã de sábado a porta da sede cheia de gente. Pais, avós, tias e tios se revezavam para dar adeus aquele filho Escoteiro que amavam. João Batista sorria. Sabia que em todos os Grupos Escoteiros do Mundo sempre seria assim. A família que criava seu rebento precisava dar liberdade, mas a preocupação era muita. Na última hora orientou mais Beulah, Gamaliel e Baruc, os pais que iriam ajuda-lo nesta formidável jornada. Nunca foi marinheiro de primeira viagem. Diversas vezes excursionou em busca de grandes aventuras. Bivaches foram dezenas. Nunca se apertou com nada. Aprendeu nos Escoteiros a enfrentar a vida como ela é. Queria ensinar aqueles meninos Escoteiros que eles podiam que tinham condições, que as adversidades deveriam ser enfrentadas com um sorriso. Em todo percurso do bivaque ele só conhecia por mapas. Melhor assim pensou, pois também precisavam de uma dose de aventura mesmo nos seus trinta e cinco anos de idade.

O adeus do até logo e partiram cantando o Rataplá. Alegria geral. Por ruas e avenidas que passavam palmas e palmas. Avistou ao longe o Monte Sinai. Estonteante visão. Belchior lhe disse que o caminho pelas fendas da cadeia das montanhas do Monte Sinai traz ao peregrino a sensação de estar caminhando em “terra de ninguém”. Principalmente para quem faz à subida a noite, ele sabia que não iria tentar a noite, não com aqueles trinta meninos Escoteiros que buscavam uma grande aventura. Mas seria um ponto de reunião a considerar. Sabia que a noite a temperatura pode chegar à 5°C, isso porque durante o dia pode passar de 41°C. - O Verdadeiro Monte Sinai (também conhecido como Monte Horeb ou Jebel Musa, que significa “Monte de Moisés” em árabe) está situado no sul da península do Sinai, no Egito. Esta região é considerada sagrada por três religiões: cristianismo, judaísmo e islão. O dele que seus Escoteiros iam escalar era outro, mais maneiro, mais amigo.

As doze em ponto a subida começou. Não era cansativa. Ele fazia questão de estar sempre junto aos monitores para saber como estavam as patrulhas, se alguém se cansava fácil ou se precisavam dar uma parada. Nunca exigiu fila indiana onde pudessem andar aos pares. Um trecho que fazia a volta na montanha ele achou que deveriam ir em fila indiana. Não era perigoso, mas se alguém caísse à altura que estavam podia provocar um enorme acidente. Foi Uziel quem sugeriu amarrar diversas cordas das patrulhas passando pelo anel do cinto de cada um. Chefe João Batista concordou. Qualquer um que

perdesse o equilíbrio seria seguro pelos demais. Queria chegar até a Cabana de madeira que lhe contaram existir na descida do outro lado da montanha. Pretendiam ficar lá por três dias. Uma extensa programação já estava pronta e se não houvesse atraso no dia seguinte tudo seria posto em prática. O atraso aconteceu. Começou a escurecer e mesmo assim não pararam. O ânimo da tropa era o melhor possível. Contavam piadas, sorriam, cantavam e parecia não estar cansados. Ele já tinha feito cinco paradas de meia hora.

Às onze da noite começaram a descida. Pelas informações a cabana não estava longe. Às duas da manhã avistaram, mas viram que uma fumaça saía de sua chaminé. - Quem poderia ser? Estavam a menos de quinhentos metros da cabana. O Chefe João Batista chamou os monitores. Peçam as patrulhas para ficarem em silêncio. Eu e Abraão iremos até a cabana para saber quem está lá. Melhor não assustar o inquilino, pois teremos que dividir a cabana com os demais. Desceram devagar tentando evitar passadas longas e galhos quebrados. Chegaram bem perto e viram pela janela dois homens mal encarados, na mesa espingardas e revolveres. Estavam bebendo com certeza, pois davam enormes gargalhadas. João Batista fez um sinal para Abraão e voltaram até onde estava a tropa. Um sinal para os monitores e após o Conselho de Patrulha, todos ficaram sabendo do acontecido. O Chefe João Batista pediu aos monitores que voltassem até o início da descida, pois havia uma nascente e iriam passar a noite lá. Chamou Batuel e o instruiu que deixasse dois Escoteiros de guarda olhando a cabana. Eles deveriam ficar bem escondidos. Quaisquer emergências devem correr ao acampamento e voltar. - Batuel! Disse o Chefe João Batista - Troquem a guarda a cada hora depois chame a patrulha Camelo do Monitor Tiago para substituir vocês! - Precisamos monitorar o que os bandidos fazem na cabana ou se vão embora.



Capítulo VI - Bandidos no Monte Sinai!

A madrugada já estava despontando quando Baraquias e Joatã chegaram correndo. Chamaram Batuel e foram até onde estava o Chefe João

Batista. – Chefe! Quem falava era Joatã, um menino Escoteiro franzino, um segunda classe dos bons. – Eles não estão lá mais! – O Chefe João Batista ficou surpreso. – Pois é Chefe, eles saíram correndo de dentro da cabana e pedido perdão! Eu não entendi nada Chefe. Eles correram feito uma lebre e seguiram na direção sudeste! - Vamos até lá ver o que ouve, disse João Batista. Chamou Batuel e Joatã para ir com ele. Em questão de minutos avistaram a cabana. João batista mandou que os dois aguardassem ali. Foi pé ante pé e pela janela não viu ninguém. Entrou e a cabana vazia. Não deixaram nada para trás sinal que não voltariam mais. Mandou os dois de volta e pediu para avisarem a Abraão trazer toda a tropa. – Vamos ver se conseguimos retornar ao programa. Não estamos muito atrasados, mas a tropa precisa dormir. Alegria geral da escoteirada. Fizeram primeiro uma limpeza geral da cabana e foram dormir.

Dormiram até o meio dia. Não houve sentinelas, pois o próprio Chefe resolveu ficar fora da cabana na espreita. Cada patrulha procurou uma árvore e ali fez seu fogão tropeiro. Estavam com fome e o melhor é um almoço gostoso. Nada como arroz, linguiça em uma sopa com batata para voltar às forças. Só às três da tarde todos estavam almoçados. O dia estava quase no fim quando o Senhor Gamaliel chegou com sua charrete trazendo os viveres combinado. Como ele chegou ali de charrete ninguém sabia o Chefe João Batista ficou encucado. Atrás da cabana existia um pequeno riacho com águas cristalinas e geladas. Geladas mesmo. Mas todos adoraram o banho e vestiram roupas quentes, pois o frio despontava. Uma bruma branca arribava do Monte Sinai e em breve iria cobrir a cabana. Nesta noite jantaram uma sopa de macarrão. Mais tarde a maioria preferiu uma boa conversa ao Pé do Fogo. Quantas histórias. Elas seriam contadas em todas suas vidas e em todos os fogos de Conselho que participassem. Onze da noite o toque do silêncio pelo Chifre do Kudu. Todos se recolheram menos Abraão, Tiago, Batuel e Uziel que ficaram para uma Corte de Honra. Fizeram um resumo do dia e foram avisados que no dia seguinte o programa seria cumprido com mais rigor.

O dia foi tranquilo, pela manhã o Jogo das Folhas Verdes foi muito divertido, a tarde um treinamento de uma ponte rotativa deu o que falar. Um tronco de uns sete a oito metros, em cima uma madeira fina, de um metro presa ao tronco 45° graus, uma corda bem alceada na madeira, com duas cordas em lateral a patrulha devia levar um Escoteiro até o outro lado do riacho movimento o tronco. Bem claro que muitos caíram no riacho. A diversão foi boa, pois as quatro patrulhas faziam simultaneamente. À noite após o jantar um jogo noturno de Cruzados e Sarracenos e foram dormir. No quarto dia partiriam cedo. O Vale do Rio Eufrates seria uma barbada. Lá encontraria Beulah conforme o combinado. Era uma região de difícil acesso, mas Beulah que já fora tropeiro dos bons iria montado em um burro treinado para subidas em montanhas. No lombo do burro treinado, em cada lado dois balaio cheio de viveres cuja lista estava em seu poder. Saíram de madrugada. O sol estava nascendo quando as patrulhas se puseram na trilha do Monte Nebo que os levaria até o Vale do Rio Eufrates. Durante todo o percurso que iria durar mais de seis horas, João Batista pensativo não tinha nenhuma ideia do que havia

acontecido com os bandidos na cabana. - O que os fez assustar tanto sem tentar se defender?

As coisas acontecem sempre com boas novas para o lado do bem. João Batista não sabia, mas estava acompanhado de um protetor. Alguém que sabia e conhecia tudo na cidade que fundou e no caminho que faziam. Ao seu lado sorrindo ela olhava para ele com carinho. Só o céu era testemunha desta maravilhosa e grandiosa jornada. Era uma região nova que ele não conhecia, mas linda demais. Nos livros de história está escrito que o Rio Eufrates é o mais longo e um dos mais historicamente importantes rios da Ásia Ocidental. Juntamente com o Tigre, é um dos dois rios que definem a Mesopotâmia. Tem seu nascimento no leste da Turquia. Flui através da Síria e do Iraque pra se unir ao Tigre no Chate Alárabe e desemboca no golfo Pérsico. João Batista sorria, ele gostava disto. Amava o escotismo e na natureza se sentia bem, suas forças revigoravam e ele se sentia um homem realizado. De vez em quando pensava que tinha voltado no tempo. Que bom seria que fosse verdade. A trilha quase não tinha subida. Duas horas depois fizeram a primeira parada. Hora do almoço. As patrulhas pareciam profissionais em suas responsabilidades. Nada se perdia e o tempo era para eles uma maneira de desafiar a cada etapa das suas vidas Escoteiras.

Resolveu descansar e fechar os olhos embaixo de uma oliveira frondosa e dormitando lhe veio à mente uma lenda que um dia leu sobre o Rio Eufrates. Nunca esqueceu a lenda do Cigano Igor que alardeava seu amor pelo Rio Eufrates. Naquele tempo em que Jesus corria pelas trilhas de Jerusalém. A chamavam Via Dolorosa, uma rua na cidade velha que começava no Portão do Leão terminando na Igreja do Santo Sepulcro. Foi à época que o cigano Igor contava a todos sua história: - Sou um cigano errante, Filho do sol e da Lua, Quando nasci, me batizaram, na beira do rio Eufrates, Falaram em meu pequeno ouvido, o meu nome secreto. Deram-me tantas virtudes, das quais me orgulho até hoje. Andei por muitos caminhos, e não encontrei o que tanto procuro, mas não me canso de buscar, apesar dos espinhos que ferem os meus pés, quando ainda está escuro. Sou o filho da Lua e do Sol, Um pássaro livre a voar, Estou aqui, ali e acolá, Realizo caminhadas, sem nunca sequer me cansar. Pois meu destino é andar e voar. Vôo nos meus pensamentos e vou onde me leva o vento. Vou ao encontro do amor, que eu sei que existe em algum lugar. Preciso de um amor, para encantar meus dias, que não me esqueça e me chame que grite bem alto o meu nome e o repita mais vezes... Igor!...Igor!...Igor! Vem para mim, vem me amar! Sou o Rei e sou o Príncipe, de um Reino Universal meu reinado nunca acaba, pois a minha coroa é a vida.

- Meu reino é feito de amor, de paz e de puro êxtase! Sou o caminheiro do tempo, pois faço qualquer roteiro. Pois o importante é nunca parar. Sou o primeiro e o último de todos os perseguidos, honrado ou desprezado, odiado ou simplesmente amado. Sou o ruído e o silêncio: sou o pranto e a alegria. Sou o eterno caminho, sou o menino do dia e o amante doce da noite, Sou o alívio das dores, dos corações que amam, portanto se precisares Basta apenas

chamar pelo meu nome, nunca esqueça, O meu nome é Igor! Chame-me... Chame-me... Chame-me. - Era linda demais esta lenda, nunca a esqueceu. Acordou com Abraão em pé sorrindo a sua frente. – Chefe, não está na hora de partir? Levantou de um salto e com um sinal de mão formou em minutos toda a tropa. – Prontos? – Sim Chefe! – Em frente marche! – Não, eles não iriam marchando, João Batista gostava de deixar às patrulhas a vontade. Em marcha de estrada era assim que ele sempre fez. Cada um precisava ter a liberdade de conversar, de contar história, de cantar, pois só assim a camaradagem iria surgir impávida sem estardalhaço e obrigação.

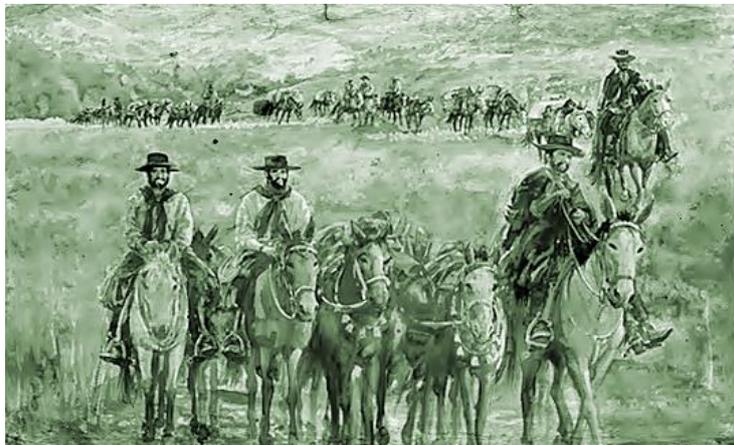
O dia estava agradável para uma marcha de estrada. O céu límpido, azul celeste brilhava sem ter um sol excessivamente quente. A trilha os levou até a um sopé de uma montanha que ele imaginou ser o Monte das Oliveiras. Era um lugar lindo, florido, um bosque onde maçãs ainda verdes enchiam as macieiras ao redor. As Oliveiras estavam em flor. Em breve estariam carregadas de lindas azeitonas para o cultivo. Do alto de um sopé da montanha avistaram ao longe o Vale do Rio Eufrates. Maravilhosa vista. Mas ele sabia que pelos menos três horas de marcha ainda tinham pela frente. Queria chegar lá ainda dia para escolherem bons locais de campo para as patrulhas. O plano era acampar ali por três dias e seguir a última etapa do programa – O Vale de Canaã! – Este sim era impensável a qualquer Grupo Escoteiro realizar a subida em seu vale com escarpas enormes, riacho longo e perigoso. Sabia que ao término da jornada encontrariam o lago Hule destino final. Fora informado de uma enorme caverna próximo ao Rio Eufrates que abrigaria a toda tropa em caso de chuva incessante.

Às cinco da tarde beberam água em um remanso do Rio Eufrates. Não era largo, menos de quarenta metros onde estavam. Se for fundo ele não sabia. Tinham tempo para explorá-lo. Todos sabiam o que fazer. Às cinco e meia chegou o Senhor Beulah. Com seu burrico carregado e sorrindo. Abraços e descarregados os víveres ele partiu já escurecendo. João Batista o convidou a passar a noite com eles. Agradeceu, pois precisava da companhia do seu guia espiritual. – João Batista o olhou nos olhos tentando ver o que só ele via. Seu guia espiritual. Não viu nada e ele partiu. Algum tempo depois já no alto da montanha das Oliveira, todos viram uma enorme estrela esverdeada que seguia alguém pela trilha rumo à cidade de Jericó. Enquanto as patrulhas montavam seu campo o Chefe João Batista corria seus olhos até onde a vista podia atingir sentindo um frescor incomparável com o vento que vinha da nascente do rio. Parecia uma brisa forte trazendo a paz e ele até pensava que aquele vento seria um bálsamo para os doentes.

Abraão sentou ao seu lado, querendo como ele sentir toda a força do vento vinda a Nordeste. Sem perceber começou a falar com o Chefe João Batista: - Chefe, já lhe contaram sobre o dilúvio bíblico? Uns dizem que nunca existiu, outros que não passa de fantasia. Tem aqueles que dizem que além de não ter existido foi copiado de alguma outra lenda da antiguidade. Afinal seus livros sagrados descrevem em várias páginas um evento semelhante. Mas sabe

Chefe, meu Professor de história me garantiu que existiu e foi localizado, muito embora não exista provas. Os textos que um dia escreveram sobre o tema dizem que foram cobertos pela água e que todos os animais expiraram. E quer saber mais, Gênesis descreveu que o final de tudo foi aqui no Rio Eufrates! João Batista olhou admirado para Abraão. Um simples Monitor, mas um profundo conhecedor de histórias bíblicas. A noite chegou. Não houve naquela noite Fogo de Conselho nem Conversa ao Pé do Fogo. Todos estavam cansados demais. Após a Corte de Honra em volta do fogo ainda ficou Batuel e Tiago. Deitado na relva eles não perdiam uma só máquina de Sputnik que vagavam sem rumo no céu estrelado.

Foram três dias maravilhosos. As patrulhas se divertiam como poucas vezes se divertiam. O Chefe João Batista não era um apitador, nada disto. Usava seu pequeno chifre do Kudu esporadicamente. Acreditava que mais valia um tempo livre de patrulha que uma atividade cansativa e sem graça. No terceiro dia fizeram uma “matutagem” para cada patrulha. Iriam explorar boa parte do Rio Eufrates. João Batista confiava. Eram todos exímios leitores de bússolas e mapa. Sabiam orientar pelas estrelas, pela lua, pelo sol e pelas árvores. Saíram cedo, por volta de dez horas da manhã. João Batista ficou só no acampamento. Construiu um banco móvel, uma mesa tripé e um forno só para dizer que um dia havia construído um. Pensou até em fazer um bolo, mas desistiu. Seus olhos viraram para leste displicentemente, se assustou. Alguém flutuava em pé na água do Rio Eufrates. Correu até lá e não viu ninguém.



Capítulo VII - Os tropeiros fantasmas.

“Passou um macho rosilho”.
E, sem parar o animal,
falava contra o governo,
contra as leis de Portugal.

Nós somos simples tropeiros,
por estes campos a andar.
O louco já deve ir longe,
“Mas ainda o vemos pelo ar...”.

Passava um pouco de quatro da tarde. As patrulhas começavam a chegar. Diferença pouca de uma e outra. Antes de deixarem suas mochilas nas barracas avistaram ao longe um comboio de mulas. Deviam ser tropeiros rumo a Jericó. João Batista não conhecia ninguém. Os Escoteiros correram todos para ficarem ao seu lado. Ele não teve receio. Sabia que tropeiros eram gente do bem. Viu a frente no comando do comboio a madrinha da tropa, devia ser uma mula ou uma égua líder. Podia ser a mais velha e a conhecida de todos os muares. A madrinha portava o guizo ou cincerro, fitas e ia sinalizando a passagem ou chegada da tropa de mulas. Por ser mais hábil, ela identificava o melhor percurso, disciplinava os demais animais, impedindo que a ultrapasse. Auguste Saint-Hilaire um dia registrou: “No silêncio das matas ouvia constantemente o eco das vozes dos tropeiros e o ruído dos guizos da madrinha da tropa, mula predileta que guia fielmente a caravana, a cabeça ornada de panejamentos coloridos tendo ao alto uma pluma ou uma boneca.”.

Quando faltava menos de quinhentos metros para chegarem, sumiram. Miragem? – Cada Escoteiro olhava um para o outro. Eles juravam ter visto a tropa e cinco tropeiros, mas agora não viam mais nada! Chefe João Batista como eles estava estupefato! Deus meu! Onde estão? Não deu outra, do outro lado do Rio Eufrates apareceu em um estalo toda a tropa, com a madrinha à frente, tocando seu guizo e os demais a seguirem trilha acima. Mágica? Feitiçaria? Um dos tropeiros parou, ficou em pé no estribo e levantando na sela, virou para os Escoteiros dando um adeus ou quem sabe um até logo. Tirou um lenço vermelho que amarrava seu pescoço e o deixou amarrado em um galho de uma enorme oliveira que ornamentava a trilha por onde seguiam. Desapareceram por trás dos montes que os levariam ao Monte Sinai. Jeová um Escoteiro alto e forte da Patrulha Corvo apareceu de short, pulou nas águas calmas do rio, e em minutos saiu do outro lado. Correu até onde estava amarrado o lenço. O pegou e de volta atravessou o rio entregando a lembrança ao Chefe João Batista. Todos se acercaram. Todos queriam tocar no lenço. O que seria aquilo? Tropeiros fantasmas?

À noite fizeram uma gostosa Conversa ao Pé do Fogo. Jesuíno da Patrulha Garça Real encantou a todos com a história da jornada de sua patrulha. Isto motivou Ethan e Estéfano. Todos queriam também contar suas histórias de jornadas. Não que elas fossem assim supimpas, mas com aquela idade toda aventura tinha seu ar da graça. Escoteiros Aventureiros são assim. Encontram um pedaço de cana e dirão que foi um canavial. Em dado momento Eudorico sub.monitor da Garça Real levantou e pediu em alto e bom som: - Chefe queremos conhecer sua história. Conte-nos um pouco de sua vida Escoteira. – E agora pensou João Batista? Não podia negar. Sabia que seu

tempo de Escoteiro eram outros tempos. Mas ninguém é melhor que ninguém. Cada época é uma época. O amor é o mesmo e as atividades também.

- Eu nasci em Absalom, uma cidade bem longe daqui. Lá comecei como lobo no Grupo Escoteiro Estrela do Universo. Passei para a tropa e tive uma vida igual à de vocês. Acampava muito. Muitos acampamentos só com a patrulha. Fui sênior e como pioneiro fiz meu primeiro curso. Tive que deixar o grupo, pois precisava trabalhar. Era noivo de Verônica e encontrei um bom emprego em Monte Carmelo em uma usina Siderúrgica. Casei e ali residi por muitos anos. Eu e meu amigo Ezequias fundamos um Grupo Escoteiro. Ia muito bem até que os militares decretaram a ditadura no Brasil o grupo começou a vasara água. Acusaram-nos de comunistas só porque tínhamos um lenço vermelho e branco. Quase fui preso e só escapei porque estava em outra cidade. Meu amigo Ezequias foi preso. Sofreu pressão e até sevícias o que fez dele um revoltado. Não sei onde anda o que faz e um dia irei atrás dele e convidar para vir morar aqui. Vi no jornal que precisam de um Professor em Jericó. Dona Salomé nos atendeu e ficamos amigos. A história termina com minha vinda para Jericó. Sou feliz aqui e quando Melchior, Baltazar e Gaspar me convidaram para a chefia desta tropa minha felicidade se completou. Gosto muito de vocês. Li todas as atas da tropa e da Corte de Honra. Queria ter conhecido Judá, o primeiro Monitor e Zebulon o Chefe de vocês.

Um silêncio se fez ouvir. Alguém bateu uma palma. Logo outra e outra que se transformou numa estupenda palma Escoteira. Todos vieram abraçar o Chefe João Batista. Uma grande amizade tinha nascido entre o Chefe e os meninos Escoteiros. Daí para frente esta amizade se tornaria uma fraternidade sem limites para todo o sempre. Foram dormir antes das onze. Ninguém notou no céu uma grande estrela brilhante que fazia círculos como se quisesse parabenizar aqueles Escoteiros que dormiram sonhando com um lindo alvorecer. A alvorada foi as seis em ponto. Todos se dirigiram a arena da bandeira onde seria aplicado pelo Escoteiro Demétrio à física que ele tão bem conhecia. Seu pai Professor de Educação Física fez questão de prepará-lo para quando fosse necessário. O Chefe João Batista acompanhava de longe. Sorria e balançava a cabeça como a parabenizar cada Escoteiro que ali se sentia como um verdadeiro atleta.

Foi durante o café e a preparação para a inspeção de campo que Batuel e Dedan vieram procurá-lo. – Chefe, disse Batuel, Dedan quer lhe contar um sonho que teve esta noite. Pode confiar nele Chefe. Nunca errou um sonho! – Fale Dedan, falou educadamente João Batista. – Chefe! Fui procurado por Judá. Ele foi curto e sucinto no que ia dizer – Diga ao seu Chefe que se não forem hoje para o Vale de Canaã, não devem arriscar ir amanhã conforme o programa. Só hoje eles têm cobertura, amanhã não. Já está programada uma grande queda d'água que irá varrer o vale de ponta a ponta. Quem estiver lá não vai ter como escapar! – Chefe João Batista ficou não só curioso, mas preocupado. Ele sabia que vivia agora em uma terra sagrada, uma terra mágica que muitos fatos que aconteciam não tinham explicação. Mas como tomar

agora uma decisão? Ele achava que precisariam pelo menos de sete horas para atravessar todo o vale. Até que desmanchassem o campo, empacotassem o material não saíram antes de duas horas, pois não podiam partir sem o almoço.

O Chefe João Batista sabia como tomar decisões na hora certa, mas sabia também que ele formava jovens para um dia também tomarem decisões. Este era o papel do escotismo, dar a eles condições para decidirem seu próprio destino sem a supervisão de um adulto. Chamou os quatro monitores. Em minutos Abraão, Uziel, Batuel e Tiago estavam a sua volta. – Contou o sonho de Dedan, pediu que eles reunissem suas patrulhas e discutissem o tema e uma tomada de decisão. - O tempo corre, sinceramente não sei se teríamos condições de atravessar todo o vale antes do escurecer. As patrulhas se reuniram. João Batista se perguntava por que fazer uma atividade tão gostosa, onde todos estavam sorrindo e participando ativamente para ter minar em um vale sombrio, com enormes escarpas, formando um relevo fantástico. Todos sabiam que em todo trecho haviam enormes penhascos, encostas íngreme e sem chance de escalar.

- Porque a minha insistência em colocar no programa? – Jamais coloquei uma vida de um jovem escoteiro em perigo e agora? Não seria por simples capricho entrar em um vale sombrio só pelo prazer de dizer a todos que correu o vale e tudo que um dia contaram sobre ele não era verdade. Seria isto mesmo? João Batista tentava se explicar e não conseguia. Desde que chegou a Jericó que pensava um dia passar por este vale misterioso. Talvez pelas histórias que contaram. Ele sabia do seu isolamento, pois poucos da cidade se arriscaram a fazer sua travessia. Dizem que desde que o Negro Fugitivo, o escravo Nabucodonosor fundou a cidade, o vale sofreu diversas modificações. Contam baixinho entre esposos e esposas de Jericó, que o Corsário e Pirata Edward Teach o Barba Negra ali escondeu o seu tesouro de Pedras Preciosas, prata e ouro em mais de trinta baús enormes. Porque não acorreram milhares em busca do tesouro até hoje ninguém sabe. Jericó não constava dos mapas, nem aparecia como município de qualquer estado brasileiro.

Por fonte incerta e não sabida se contava que em 1730 diversos galeões piratas desembarcaram nas costas da Bahia e rumaram sertão adentro a procurar o Vale de Canaã. Todos que arriscaram suas vidas desapareceram nas águas perigosas do vale. As enchentes eram famosas por todo o município de Jericó. Os galeões que tinham ainda a bordo os Imediatos rumaram de volta para sua terra. Os demais ficaram navegando os mares sem ninguém, vazios como se fossem navios fantasmas. Seria por isto que João Batista colocou em seu programa aquela grande aventura dos Escoteiros da Tropa Rio Jordão? Ele não acreditava nisto. Nunca sonhou em ser rico e se algum dia achasse o tesouro não saberia o que fazer ou qual decisão tomar. Os quatro monitores retornaram. Abraão o Guia foi quem contou a decisão – Chefe, todos acham que partir agora é impossível. Entrar a noite no vale seria uma

irresponsabilidade. Melhor seguir amanhã. Se tivermos boas companhias espirituais nos acompanhado todos nós temos a certeza que chegaremos são e salvos a represa do Lago Hule.

- Tudo bem, disse o Chefe João Batista. Já são mais de doze horas, o melhor é prepararmos o almoço e a tarde faremos aquela ponte de cordas sobre o Rio Eufrates. Vi um local pouco acima do acampamento que não é mais do que quarenta metros de uma margem a outra. Todos os monitores voltaram para suas patrulhas. João batista deu uma olhada no programa, pelo menos mais de sessenta por cento havia sido realizado. À noite iriam dormir mais cedo. Precisaríamos levantar as quatro desmanchar acampamento e partir antes da sete horas. Ele não dormiu bem. Sempre sonhando que uma grande queda d'água cobria a ele e os meninos Escoteiros naquele vale que mais parecia o Vale da Morte. Acordou às duas da manhã com um barulho enorme no rio Eufrates. – Saiu da barraca rápido, correu até lá e nada viu. – Um sonho? Voltou para sua barraca e de novo o barulho. Voltou e viu uma luz branca piscando de tal maneira que seus olhos se recusavam em olhar de frente. Logo a luz sumiu. João Batista foi até a prainha do rio e sentiu que as águas estavam geladas. Não entendeu nada. Melhor é voltar a dormir.

Não precisou chamar ninguém. Acordou com as patrulhas desarmando seus campos e ele se levantou. Vestiu seu uniforme e desarmou sua barraca. Os demais utensílios que levava já tinha sido empacotado na noite anterior em um grande bernal que tinha levado. Ainda estava escuro e logo os primeiros raios de sol iriam aparecer no horizonte. Pelos seus cálculos o verão estava acabando. Ele sabia que não existe o último verão, queira ou não ele volta sempre. Sei que alguns gostam mais da primavera e poucos do inverno. Ele gostava do inverno. Gostava da chuva fina, do capote sobre os ombros, da manta protegendo suas pernas, da varanda de sua casa em Jericó que passou a amar. Ele gostava de ficar vendo a chuva molhar a terra, ouvindo música suave e esperar o entardecer. Falando nestes termos me lembrei de um pequeno poema de Cássia Vicente: Venha! Venha depressa! Veja o céu multicolor, envolvendo as nuvens, desenhando o entardecer!

Às oito da manhã estavam todos preparados. A tropa se formou em um círculo e fizeram uma oração pedindo a Deus que os protegesse da longa jornada que faziam e pela mais perigosa que iriam fazer. Baraquias da Garça Real ficou no meio da ferradura e fez uma linda oração que marcou profundamente todos os presentes: Amado e Glorioso Pai, Ajude-me a manter a minha promessa límpida. Ensine-me que a integridade do Caráter, é minha maior posse. Permita-me fazer o meu melhor possível hoje. E que eu almeje fazê-lo ainda melhor amanhã, me ensina que o dever, longe de ser um inimigo, é um amigo. Faça-me encarar até a mais desagradável tarefa, alegremente Me dê fé para compreender o meu propósito nesta vida. Abra minha mente para a verdade, e enche meu coração com amor. Agradeço a Ti por todas as bênçãos que Tu nós destes. Ajuda-me a cumprir o meu dever para com a minha pátria. Ajuda-me também a entender que uma pátria boa é feita de bons cidadãos.

Ajude-me a lembrar das minhas obrigações ao cumprir a lei escoteira, Faça-me entender, que elas são muito mais do que palavras. Que eu nunca me canse da alegria de ajudar os outros Nem deixe que eu olhe para o outro lado quando pessoas estão necessitadas Tu me deste a benção de um corpo Me dê sabedoria para mante-lo saudável para que eu possa servi-lo melhor. Tu és a fonte de toda a sabedoria ajude-me a ter uma mente alerta e ensina-me a pensar. Ajuda-me a ter disciplina em tudo que eu faça e em cada desafio que me apareça. Ajuda-me a distinguir entre o certo e o errado, conduza-me obediente ao destino que Tu me traçaste.

Eles partiram para seu destino final. Dos doze dias programados ainda faltavam quatro. João Batista pretendia fazer deste final algum que marcasse para sempre esta jornada. João Batista nunca teve medo, para dizer a verdade nunca usou uma arma de fogo. Sua arma para acampamentos sempre foi o sorriso e a paz. Agora ele pressentia que alguma coisa iria acontecer. Ele acreditava em Deus e se ele existe ali estava presente. Se ás águas invadissem todo o vale de Canaã e se assim fossem seu destino eles estavam preparados. Antes de partir Abraão discutiu com todos os monitores que devia sempre estar junto, não se afastarem e quando entrassem no Vale passassem a corda no cinto de cada um. Uma maneira de tentar a sobrevivência de todos, pois ali estavam trinta Escoteiros, não podiam menosprezar o que eles poderiam fazer. Ao meio dia entraram no vale. Dantesco e ao mesmo tempo maravilhoso, espetacular!



Capítulo VIII - A incrível caverna do Pirata no Vale de Canaã.

Às duas da tarde boa parte da jornada havia sido cumprida. Queira ou não o Vale de Canaã era lindo. Todos os participantes nunca tinham visto nada igual. As patrulhas não perdiam uma só montanha, um só pico e as lindas

escarpas estonteantes, algumas parecendo ter saído de lugares gelados de tão brancas. Nascentes aqui e ali dizia que o lugar era um céu escondido naquele pedaço de tempo a leste de Jericó. Um espetáculo realmente lindo. Até mesmo João Batista havia se esquecido das palavras de Judá, o Monitor que vivia nas estrelas. Seus sonhos de todos serem sucumbidos pelas águas que poderiam a qualquer momento varrer todo o vale, levando de roldão tudo que encontrasse pela frente nem sequer era lembrado. A beleza do lugar hipnotizava a todos. Em um remanso próximo a uma cachoeira que caía do alto de uma montanha cinzenta deram uma parada para um lanche. As patrulhas iriam fazer um café e o lanche já tinha sido preparado antes da partida. Questão de meia hora no máximo. Tudo era paz, os pássaros voavam pelo céu. Ainda não tinham visto as Águias Douradas gigantes que tantos diziam existir. O céu azul não poderia nunca prever chuvas ou mesmo um vendaval.

João Batista sentou encostado em uma pedra, ouvia um lindo ribombar de uma cascata ali perto. Fechou os olhos lembrou de uma história bíblica, em que os Hebreus que viveram milênios antes de Cristo ao saírem de Ur, na Mesopotâmia em direção à Palestina (estreita faixa de terra entre a Fenícia, atual Líbano e o Egito) dividiram-se em tribo, formadas por clãs. Os clãs eram constituídos por um patriarca, seus descendentes e servos. A economia baseava-se no pastoreio, evoluindo para a agricultura graças às terras do norte e as zonas montanhosas do sul da Palestina. Ficaram por três séculos na Palestina até que uma grande seca obrigou algumas tribos, sob a liderança do patriarca Jacó, a migrarem para o Egito. Esse período de seca é retratado na lenda da luta de Baal Hadas com seu irmão Baal So, que ao libertar-se dos domínios da morte e da esterilidade traz a chuva de volta ao solo palestino. Seu destino era o Egito, mas ficaram por lá por 400 anos. Fizeram aliança com os hicsos que invadiram e dominaram o Egito. Quando os hicsos foram expulsos do Egito os hebreus começaram a ser perseguidos com altas taxas de impostos para aqueles que possuíam renda, e escravizando os mais pobres que não poderiam pagar os impostos. Até o aparecimento de Moisés que liderou o povo hebreu na marcha em direção a Canaã (a terra prometida), evento esse conhecido como o êxodo hebreu. Depois de 400 anos vivendo no Egito, é provável que o retorno à Canaã seja visto como uma lenda por aqueles que partiram para o Egito em busca de solo fértil devido às invasões sofridas e os extensos períodos de seca da região.

Será que eles passaram pelo vale? João Batista não tinha a menor ideia. Hora de partir. Um aviso aos monitores e de novo sessenta pés de meninos e o dele marchavam rio acima pensando que em menos de hora e meia alcançariam a Represa do Lago Hule. João Batista sorria, ele acreditava em Deus e sabia que estavam protegidos. Mas eis que um som parecendo uma grande trovão aconteceu no alto de duas escarpas e viram entre elas enormes quedas d'água descendo a toda velocidade. Ele sabia agora que as recomendações eram verdades. Não adiantava mais maldizer o que fez ou o que deveria ter feito. As águas como se fossem um oceano caindo naquele vale em questão de minutos arrastaria a todos sem nenhuma esperança de

salvação. Viu que os meninos Escoteiros se amarravam em cordas, pois acreditavam que isto pudesse salvar alguém. Ele sabia ser impossível. Em segundos agradeceu a vida que tivera a Deus. Pediu que protegesse os meninos Escoteiros e sua esposa Verônica.

Um clarão se fez presente vindo do alto de uma escarpa. Todos voltaram o olhar para lá e viram ser um brilho de forma diferente. João Batista não queria acreditar, mas como se fosse um milagre uma escada de pedra se fez presente e no final dela um homem alto, negro, com uma túnica azul, sorrindo junto a uma bela negra também com uma túnica da mesma cor, faziam sinal para eles se esconderem ali. Ninguém pensou duas vezes, cada patrulha educadamente se posicionou e começaram a subida. João Batista ficou por último. Já sentia na pele a aragem das águas que vinham ribombando rio abaixo. Todos subiram e entraram em uma pequena gruta, pequena na entrada, pois parecia ser um covil onde a passagem era tão pequena que só cabia um por vez. Ele foi o último. A entrada da gruta se fechou e ainda deu para ver as águas correndo por toda a montanha sobre um vale que agora devia ser um mar de águas correndo a toda velocidade naquele vale que ele sabia iria demorar anos a voltar ao que era. Deu uma olhada na cavidade. Ela levava a uma grande abertura. Escura, não tinham nenhuma ideia como seria se era um salão ou uma armadilha que levaria quem ali pisasse para as profundezas da terra.

Tudo tem uma razão de ser. A Tropa Escoteira Rio Jordão tinha surpresas que mesmo tendo participado dela por dezenas de anos nunca ninguém poderia descobrir o dom de cada Escoteiro que ali fazia sua morada. Eis que Gedeão, cozinheiro da patrulha Gralha, tomou a frente e disse para todos: - Sigam-me eu sei o caminho. João Batista ia dizer alguma coisa, mas Batuel disse que para ele seguir também por aonde ia Gedeão. - Meu Deus! Pensou. Que tropa é esta? Quem são na realidade estes meninos Escoteiros? – Não disse mais nada e seguiu por último na trilha que Gedeão fazia naquela escuridão imensa. Ele não sabia se era uma gruta, uma caverna, algum subterrâneo dentro daquelas enormes montanhas. Como Gedeão conduzia a todos ele não fazia a menor ideia. A fila indiana comportava-se como se estivessem sobre uma ponte estreita e que sem pensar poderiam cair em um abismo onde não se sabia se teria fim. Andaram por cerca de meia hora e a surpresa maior aconteceu. Saíram em um enorme salão, grande mesmo, iluminado com tochas presas nas laterais das várias paredes. Eram muitas.

Quando sua vista clareou o que viu o deixou boquiaberto. Ali estavam mais de trinta baús, entreabertos, cheios de pedras preciosas e joias que deviam valer uma enorme fortuna. Impossível medir o valor delas. Bem na entrada do salão oval, uma enorme caveira ainda vestida com a farda da marinha inglesa de séculos atrás, um tapa olho negro com um bacamarte em uma mão e uma espada na outra parecia defender seu reino encantado, mas sua vida já tinha ido para as estrelas distantes ou para o inferno no fundo da terra. Verdade? Não ele vivia naquele corpo que era só osso e mais nada. Uma

gargalhada se fez ouvir. O Pirata ficou em pé, olhou a todos com olhos que não mais existiam e disse em uma voz cavernosa: - “Pelos Barbas de Maomé”! Quem deixou vocês virem aqui? – Outra voz suave, educada, daquelas que ouvimos e pensamos ser de santos protetores disse – Fui eu Edward. Eles não podiam morrer por causa de sua maldição das águas turvas. Eles são de minha cidade, você sabe ali todos são protegidos por mim e por Deus! – Todos se voltaram para onde surgia a voz. Era ele, Nabucodonosor em pessoa ou em espirito.

Um silencio se fez presente naquela caverna, naquele enorme salão. O pirata abaixou a cabeça, suas últimas palavras foram: - Podem ficar, mas não podem tocar em nada que é meu. – Seu Edward? Seu? Disse Nabucodonosor. Tudo que está aí foi roubado. Você matou e saqueou tantas cidades que perdeu a noção de tudo. Eu e você sabemos que você irá ficar aqui nesta caverna para sempre. Sozinho, sem companhia, tomando conta de um tesouro que nunca vai lhe dar a felicidade. Você sabe disto, ficou aqui mais de quatrocentos anos. O que adiantou? Matou seus amigos do galeão. Matou outros que conseguiram chegar aqui. Tem sim um enorme tesouro, mas não tem a vida. Não tem ninguém para ficar junto de você! – Ninguém dizia nada. Dizer o que? Quem esperava por aquele desfecho? João Batista parecia ter saído do presente e entrado nas páginas da história. História que nunca foi contada e que ninguém nunca acreditaria. Como acreditar?

Ninguém disse mais nada. Nabucodonosor fez um sinal a todos para o seguirem. Assim foi feito. Lá atrás no salão cabisbaixo ficou Edward o pirata sem lei e sem alma. - Ficou só sem amigos sem ninguém. Ele escolheu aquela vida. Agora seguiam por uma estreita trilha, mas brilhantemente iluminada. Todos sabiam que nunca iriam pegar nada naquele enorme tesouro. Em Jericó ele não tinha valor. Ali era o éden o paraíso de todos eles. Jericó era tudo para quem quisesse viver feliz. Tesouro? Para que? Lá não tinha automóveis, alguns apenas uma charrete e as doenças quase não existiam. João Batista sorria ao lembrar de tudo isto. Ele ganhou a sorte grande quando aceitou trabalhar como Professor em Jericó. Fora o passo mais importante em sua vida. Nunca pensou em viver em uma cidade assim. Uma cidade onde não havia prisões, onde um só sargento sorria para todo mundo, ele era um homem para quem a população procurava quando precisavam de alguma coisa. Poderia ser uma traquinagem, um sonho de menino querendo conhecer o mundo e ele sorridente sempre os encontrava e trazia para casa.

Chegaram em outro salão. Menor mas limpo e asseado. Uma mulher negra alta sorria para todos. – Espero que gostem de uma boa moqueca de peixe. Fiz exclusivamente para vocês! – Os olhos de todos brilharam agora se lembravam que estavam com fome. Cada um tirou seu prato da mochila e sua colher. Uma oração se fez ouvir, desta vez dirigida por Rebeca, à escrava que agora agia como se fosse a Santa Protetora dos Escoteiros. – “Senhor, abençoe o precioso alimento que coloca na nossa mesa, que ele nunca nos falte. Mas, principalmente, não nos falte o vosso corpo, que é santíssimo e o

vosso sangue, que é preciosíssimo - o alimento e bebida que nos conduzem à vida eterna. E reserva, Senhor, um lugar no teu reino para aqueles que morrem de fome e de sede em todo o mundo. E, antes da morte, os alimente com teu espírito para que tenham chance de salvação. Amém”. Se existe algum que vale a pena na hora das refeições dos Escoteiros, é a alegria, o bater no prato, na caneca e o as conversas gostosas que se fazem acontecer.

Nabucodonosor disse a todos que deviam ficar ali mais um dia, até que passasse toda a água que correu o vale e inundou tudo pela frente. Tudo voltaria em breve ao normal disse ele. Enquanto todos comiam uma surpresa – Edward o pirata apareceu. Tinha outra fisionomia. Seu aspecto cavernoso desapareceu. – Pediu humildemente a Rebeca se podia ficar ali – Ela sorrindo respondeu – Aqui é sua casa Edward. Jante conosco. A comida é farta e abençoada por Deus. João Batista chorou com esta visão. A bondade em Rebeca o fazia sentir como se fosse um servo a serviço de Deus ajudando aqueles meninos Escoteiros que ele considerava heróis. Nenhum deles demonstrava medo, todos se sentiam em casa, e os sorrisos que davam eram contagiantes. Eis que Edward o Pirata senta no meio deles. Rindo conta histórias e canta canções quando navegava nos sete mares em seu galeão. Os meninos batiam palmas, Edward se entusiasmava. Mas Nabucodonosor olhava com olhos bondosos, mas sabendo que o Pirata tinha ainda longos anos para se regenerar.

Depois do lauto jantar todos foram lavar suas vasilhas em um pequeno regato ao lado do salão. João Batista fez uma pequena Corte de Honra e Abraão, Uziel, Batuel e Tiago fizeram seus comentários – Chefe! Disse Batuel, porque não fazemos aqui um Fogo de Conselho? Já pensou? Seria fantástico não seria? – todos concordaram. – Vai ser o meu primeiro em uma caverna disse Abraão. O mesmo repetiu Tiago e Uziel. O Chefe João Batista sorriu e concordou com todos. Lembrou-se que junto a quatro monitores e quatro submonitores no seu antigo grupo tinham ido a uma grande gruta inexplorada e lá fizeram um Fogo de Conselho que deixou saudades. Quem sabe este tão místico e tão mágico não faça o mesmo? Levantou e conversou com Nabucodonosor. – Aprovado Chefe! E riu carinhosamente. – Mas eu nem disse o que era, falou João Batista. – Meu amigo, eu li seus lábios e dos seus monitores. Eu já ouvi falar nesta mística que o General Baden Powell criou. Por sinal uma vez eu o vi junto a muitos outros acampando junto à cidade de Petra, na região da Betânia. Estavam bem ao lado do Templo de Salomão. João batista se assustou. Então Nabucodonosor teve a felicidade de ver nosso mestre em ação? – tive sim, disse ele. Calma você falou tão alto nos seus pensamentos que deu para ouvir. E sorriu gostosamente.

Os relógios dentro da caverna não funcionavam. Os Escoteiros os monitores não levavam muito a serio isto. Eles estavam adorando toda a atividade. Uma atividade que seria lembrada por toda a vida. Para que saber as horas? Deu fome comemos, deu sede bebemos. João Batista não pensava assim. Acostumado com horários fixos, na escola, em casa e nas reuniões

Escoteiras sentia falta em saber as horas. Algum tempo depois Batuel lhe procurou para dizer que já tinham feito o fogo. Seria pequeno em forma de pirâmide. A Patrulha Camelo do Tiago seria a responsável. – Tudo bem disse o Chefe. Então vamos lá. O local era perfeito para o fogo. Diversas toras serradas faziam uma perfeita ferradura. Até o bule enorme de café lá estava esperando as brasas. Ao lado bananas verdes, batatas mangas também verdes aguardavam o fogo para serem assadas. O Chefe João Batista não estava acostumado com as mágicas que Nabucodonosor fazia. Ele ria e dizia que não era mágicas. – Aqui tudo é possível. – Possível? Pensou. Nunca em minha vida tinha visto um local tão perfeito para um Fogo de Conselho.



Capítulo IX – E o sonho não acabou!

Jesabel da Patrulha Camelo tomou seu lugar como animador. Fora escolhido e sabia que não ia falhar. Portando uma enorme tocha que iluminava a grande ferradura, ele se dirigiu ao fogo. De novo a mágica do lugar – Jesabel gritou – Acenda-te fogo! E o fogo acendeu – Em seguida gritou: - Ventos do norte, ventos do sul do leste e oeste transforme este fogo como prova de uma grande amizade entre todos os presentes! – Todos se levantaram, ventos começaram a soprar gostosamente na face de cada um. O fogo crepitou forte. Um arrepio aconteceu com João Batista. Já era para ele ter se acostumado, mas ao do lado esquerdo de Nabucodonosor lá estava o primeiro Monitor do Grupo Escoteiro Mar da Galileia. Nada mais nada menos que Judá, uniformizado, um sorriso nos lábios, porte atlético e com cabelos grandes preso por um rabo de cavalo. Impossível? Ali não. Ali tudo podia acontecer e quer saber, logo em seguida sorrindo de forma alegre e saudável apareceram Melchior, Baltazar e Gaspar sentados a sua direita. Claro que não ia faltar Edward o Pirata - João Batista sorriu. Agora ele sabia que naquela enorme

gruta cheia de salões enormes havia uma plêiade de pessoas amigas e outras a caminho da redenção. Como ele sempre disse a si mesmo, em Jericó tudo era possível. Agora ele sabia que todos os jovens Escoteiros sempre estiveram em boas mãos.

Tudo aconteceu naquele Fogo de Conselho. As canções retumbavam nas paredes da gruta e se os ouvidos prestassem atenção uma grande orquestra regia quando todos cantavam. Cada patrulha se esmerou em sua apresentação e uma delas, a feita por Judá o Monitor deixou retumbar por todos os cantos do salão as gargalhadas dos presentes. Até Edward o Pirata resolveu contar sua história. Claro que ele aumentou um ponto. Não é assim que dizem os contadores de histórias? E para terminar, Melchior, Baltazar e Gaspar resolveram contar à saga que tiveram para encontrar a Cidade de Belém e ver o nascimento do menino Jesus. Disseram eles que uma linda e brilhante estrela os guiou por longínquas terras e mesmo com as dificuldades que passaram nunca desistiram. Com lágrimas nos olhos descreveram o nascimento de Jesus e a alegria de Maria com ele nos braços. Ofereceram a Maria e José presentes que trouxeram de sua terra. Mirra, ouro e incenso. Estes presentes disseram que naquela época possuíam um sentido simbólico. O ouro representava a realeza, a mirra simbolizava a pureza e o incenso simbolizava a fé.

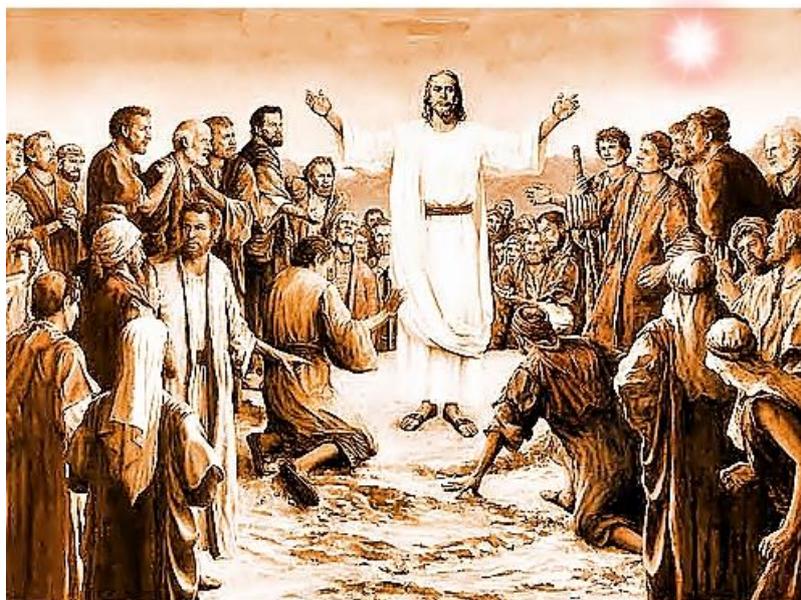
O Fogo de Conselho foi belo demais. João Batista no final chorava. E ao cantar a velha e querida Canção da Despedida seus olhos encheram-se de lágrimas de novo. No círculo ao olhar para Nabucodonosor, Rebeca, Judá, Melchior, Baltazar e Gaspar, sem esquecer Edward. João Batista se emocionava. Uma visão que ficaria para sempre gravada em sua mente e presa em seu coração. Quase esqueceu da Corte de Honra que todas as noites ele e os monitores faziam. Combinaram de sair logo pela manhã (pediram a Nabucodonosor para sincronizar o horário de seis horas com o horário de chegada ao Lago Hule). Todos estavam cansados e foram dormir. João Batista custou a dormir. Olhando para o teto da gruta ele pensava como devia ser o céu ali naquelas escarpas. Quantas estrelas, quantos cometas a serem admirados. Dormiu e teve sonhos maravilhosos que ao acordar não lembrou de nenhum, mas com um sorriso nos lábios. Ele sempre gostou de acordar assim.

Pelas contas de Nabucodonosor seriam seis da manhã. A Caverna ainda iluminada por tochas não dava para ver a luz do sol. Todos sem exceção foram cumprimentar Rebeca e Edward. Os reis magos e Judá já haviam partido. Um grande círculo foi feito. Quantas surpresas esta jornada iria marcar a vida de cada um. Ephraim um menino Escoteiro calado e que quase não falava de um passo a frente e disse a mais linda oração que João Batista já tinha ouvido:

- A vida me ensinou... A dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração; Sorrir às pessoas que não gostam de mim, Para mostrá-las que sou diferente do que elas pensam; Fazer de conta que tudo está bem quando isso não é verdade, para que eu possa acreditar que tudo vai mudar; Calar-me para

ouvir; aprender com meus erros. Afinal eu posso ser sempre melhor. A lutar contra as injustiças; sorrir quando o que mais desejo é gritar todas as minhas dores para o mundo. A ser forte quando os que amo estão com problemas; Ser carinhoso com todos que precisam do meu carinho; Ouvir a todos que só precisam desabafar; Amar aos que me machucam ou querem fazer de mim depósito de suas frustrações e desafetos; Perdoar incondicionalmente, pois já precisei desse perdão; Amar incondicionalmente, pois também preciso desse amor; A alegrar a quem precisa; A pedir perdão; A sonhar acordado; A acordar para a realidade (sempre que fosse necessário); A aproveitar cada instante de felicidade; A chorar de saudade sem vergonha de demonstrar; Ensinou-me a ter olhos para "ver e ouvir estrelas", embora nem sempre consiga entendê-las; A ver o encanto do pôr-do-sol; A sentir a dor do adeus e do que se acaba, sempre lutando para preservar tudo o que é importante para a felicidade do meu ser; A abrir minhas janelas para o amor; A não temer o futuro; Ensinou-me e está me ensinando a aproveitar o presente, como um presente que da vida recebi, e usá-lo como um diamante que eu mesmo tenha que lapidar, lhe dando forma da maneira que eu escolher.

Um silencio brutal aconteceu ali. Uma enorme luz se fez presente no fim do túnel que seguiam. O que viram foi estonteante. Não havia palavras para descrever. Seria ali a represa do Lago Hule? Era lindo! Maravilhoso lugar. João batista olhou para trás a procura de Nabucodonosor. Tinha desaparecido como fumaça levado pelo vento na saída da caverna. Onde ele ficou dando adeus a todos agora só uma grama alta e verde e muitas árvores. Em frente viu uma trilha que levava as margens do lago. Quando lá chegaram encontraram Baruc com sua mula carregada de víveres. A jornada estava chegando ao fim. Os últimos dois dias que ainda restavam seriam de recordações dos momentos maravilhosos que fizeram acontecer em suas vidas. Contar dos peixes que pegaram no lago, dos grandes gaviões dourados que agora voavam baixo como a saudar os visitantes, das centenas de falcões azuis que faziam acrobacia no céu, das milhares de borboletas coloridas, do vento soprando e trazendo do alto da montanha aromas das matas distantes. Todo o lago era de águas calmas e azuis. Areias brancas cintilavam ao sol do meio dia quando João Batista sentado em baixo de um coqueiro tentava lembrar todos os detalhes da incrível jornada. Ia pegar uma caneta em sua blusa para anotar parte do que aconteceu quando viu no bolso da blusa do seu uniforme um pequeno colar de brilhantes com uma linda flor de lis foleada a ouro. Na caixa um lembrete colado: - Para sua esposa Verônica. Com as saudações de Edward, o Pirata!



Todo começo tem um fim!

A história chega ao fim. Poderia continuar por mais uma centena de páginas. Contar todas as centenas de surpresas boas que aconteceram na vida de João Batista. Contar sua história quando foi iniciado na arte espiritual e aprender a ler mentes e saber interpretar o impossível. Quando Velho sua amizade com Nabucodonosor, das vezes sem conta que encontrou Edward o Pirata. Haveria mesmo muitas coisas para contar. Seriam tantas que meu pensamento criou no decorrer da história outras tantas fantásticas. Mas isto tiraria um pouco da mística de tudo. O importante foi à magia que de forma simples e agradável se apresentou a todos. Poderia até dizer que no final da história eu daria tudo para estar no lugar de João Batista. Quem sabe estou? Quem sabe estou lá em Jericó, a cidade do amor, onde a felicidade existe e a vida vale a pena ser vivida? Quem ainda não sonhou em viver em um lugar mágico, entre belíssimas montanhas ao norte da estrada que leva ao fantástico Deserto da Judéia? Atravessara o Rio Tigre em uma balsa simples e aportar em Belém onde Cristo nasceu? Como é bom viver de forma livre, sem preconceitos, amigos sinceros e cheios de amor para dar? Não seria um Novo-Eden? Estar na companhia de Escoteiros como os da tropa do Rio Jordão seria um privilegio de poucos. Poder acompanhar como um adulto irmão as patrulhas Garça Real, Camelo, Gralha e Corvo seria uma honra de poucos chefes poderiam alcançar.

Seria realmente “supimpa” ter amigos assim e ver crescer os meninos da tropa Rio Jordão. Seria uma honra ficar ao lado de Abraão, Tiago, Uziel e Batuel uma graça alcançada em toda a vida Escoteira. Poderia aprofundar mais na história ao contar a vida do Sargento Otoniel soldado e delegado de Jericó que sempre trazia um sorriso nos lábios. Poderia falar de Henoque que

colaborou profundamente na fundação do Grupo Escoteiro Mar da Galileia. Não poderia esquecer nunca de Dona Salomé, De Simão Zelote aquele que quase perdeu a vida ao atravessar o Rio Jordão. Quem sabe levantar toda a vida de Judá, o primeiro Monitor. Mas fica para outra história. A que contei ficará marcada para sempre em minha mente. Repito, gostaria mesmo de estar no Vale do rio Jordão. Ter conhecido mais profundamente Nabucodonosor e Rebeca. Dois escravos que construíram uma cidade de sonhos. Quem sabe eu poderia escrever uma história com a figura malvada do Pirata Edward Teach? Seria um best-seller que nunca seria esquecido. Não podia nunca deixar de agradecer a Deus, aquele que me deu a vida, a visão e me deu a oportunidade de ser Escoteiro. Obrigado Senhor!

“E ele sentia dores tremendas nas mãos, nos pés e no coração. Sua visão desanuviou-se, e ele viu a coroa de espinhos, o sangue a cruz. - Os velhinhos decrépitos que o chamavam de covarde, desertor, eram de mentira. Tudo, todos eram ilusões enviadas pelo Demônio. Seus discípulos estavam vivos e com saúde. Partiam em viagens pôr terra e mar, a fim de proclamar a Boa Nova. Tudo acabara como devia, louvado seja Deus! Então Jesus deu um grito triunfal: Está consumado! E foi como se tivesse dito: tudo está começando”! (Nikos Kazantzakis.)



FIM